

Origens Célticas e Atlânticas do Megalitismo Europeu

Mario Alinei
Francesco Benozzo



 apenas

Titulo original: *Origini del megalitismo europeo: un approccio archeo-etno-dialettologico.*
«Quaderni di Semântica», 29 (2008): 295-332.

© Apenas Livros Lda.,
Mario Alinei e Francesco Benozzo

Al. Linhas de Torres, 97, 3º dto.
1750-140 Lisboa
Tel/fax 21 758 22 85
geral@apenas-livros.com

Depósito legal nº 289421/09
ISBN: 978-989-618-217-5
1ª edição: 250 exemplares
Fevereiro de 2009
Publicação nº 327

Tradução de Gabriela Morais
Revisão de Luís Filipe Coelho

Colecção TEORIA DA CONTINUIDADE PALEOLÍTICA, 4
Dirigida por Xaverio Ballester

www.continuitas.com

www.apenas-livros.com

ORIGENS CÉLTICAS E ATLÂNTICAS DO MEGALITISMO EUROPEU

Resumo: Numa perspectiva que conjuga e investigação etnolinguística e o método arqueológico, estuda-se o problema das origens do megalitismo europeu sustentando – em oposição à teoria poligenética de Colin Renfrew – que, na sua primeira fase mesoneolítica, este grandioso fenómeno teve origem entre os pescadores de língua céltica da costa atlântica e foi sucessivamente difundido nas regiões interiores da Europa. Esta visão de conjunto é confirmada a partir da análise das motivações ainda hoje presentes nos nomes dialectais e nas lendas associadas aos megalitos.

1. A etnogénese céltica na teoria tradicional e na teoria de Renfrew

Segundo a teoria invasionista das origens dos Indo-Europeus (doravante, IE), os Celtas «chegaram» aos seus territórios históricos da Europa Central. Trata-se de uma inevitável consequência da cronologia curtíssima da teoria tradicional acerca da «invasão» europeia dos Proto-Indo-Europeus (doravante, PIE): visto que é na área a norte dos Alpes que os Celtas, «first of the prehistoric peoples to rise from anonymity» (Filip [1977: 11]), surgiram, sendo daí que é necessário fazê-los partir. Powell [1977: 11] define «that region north of the Alps, from Bohemia to the Rhine, crucial for the origin of the Celts»; e afirma: «It is this total population of the so called ‘north Alpine Urnfield Province’, centred in southern Germany and Switzerland, that demands special scrutiny in relation to the coming into existence of the Celts». Daí poder assinalar-se a contradição entre a expressão «come into existence», apropriadamente adoptada para uma etnia e um período como o do Bronze Final (durante o qual a província dos Campos de Urnas emerge a norte dos Alpes), que pode levar-nos a pensar em tudo, menos no nascimento de uma etnia! Mais recentemente, numa perspectiva menos tradicionalista e aberta a outras hipóteses, ainda que igualmente viciada pela premissa das origens centro-europeias dos Celtas, Coles e Harding interrogaram-se:

when the western part of our area finally emerges into history it is occupied by the Celts and other tribes described by classical historians. *It is assumed that these peoples arrived in the area from elsewhere and were*

not indigenous [itálico nosso]; the question then arises, when and whence did they come? (Coles-Harding [1979: 336-337]).

E a resposta:

since one cannot descry any major invasion of people into *central Europe* [itálico nosso] between the Urnfield period and the (presumably Celtic) Early Iron Age, it follows that all these groups (Corded Ware, barrow-graves of Early Bronze Age, Cotofeni and Monteoru in Romania, Otomani in east-central Europe and the generalised Unetice) must be ancestral to the Celts (Coles-Harding [1979: 6-7]).

Na realidade, os Celtas são as principais «vítimas» da teoria tradicional IE. Sendo, por sorte sua, o primeiro povo a surgir historicamente a norte dos Alpes e sendo obrigatoriamente provenientes da invasão PIE, por sua vez chegada do Leste, no IV milénio, eles só podem ter chegado ainda mais tarde à Europa Central, onde coincidiram com La Tène. Mas há mais: a teoria tradicional, depois de ter feito «nascer» subitamente os Celtas no Bronze, chegando – como povo de tal modo invisível, que escapou também aos radares arqueológicos – do Leste, ainda os precipitou em duas direcções opostas: na direcção oeste, para ocupar a França e as Ilhas Britânicas e instalar-se estavelmente para dar início à celticidade histórica; e, ao mesmo tempo, na direcção leste, na direcção oposta, para uma gigantesca campanha colonial que os leva a ocupar quase toda a Europa. Por outras palavras, para os Celtas repete-se o mesmo panorama inverosímil de etnogénese galopante colocado em hipótese por Marja Gimbutas para os PIE e para os Altaicos, que contraria o bom senso e contrasta totalmente com a documentação arqueológica.

Nem parece plausível o novo panorama que, por exemplo, Koch [1986, 1991], Waddell [1995] e Waddell - Conroy [1999] propuseram, seguindo a última versão do modelo invasionista IE (proposto por Mallory e outros), isto é, o modelo de «infiltração de elites». Tendo compreendido que a ideia de uma migração maciça de pastores-guerreiros a cavalo de modo algum pode ser defendida, alguns investigadores preferiram ver «chegar», quer os IE quer os Celtas, como «business men» do Cobre e do Bronze, que de um modo não intrusivo e pacífico se apoderaram dos territórios das populações autóctones,

juntamente com os seus recursos e – porque não? – a sua identidade linguística. Rejeitado o modelo guerreiro de tipo invasorista-bárbaro, entra em jogo um modelo de infiltração mais civilizado, semelhante ao colonialismo britânico, deixando, porém, intacta a ideia de uma substituição linguística maciça (não obstante a lição que o próprio colonialismo europeu oferece nesse sentido).

Mais próximos do bom senso parecem estar os inúmeros arqueólogos que, já há algum tempo, expressam dúvidas acerca da interpretação tradicional do processo de celtização; Coles-Harding [1979: 366] observam, por exemplo:

There is little that is specifically ‘Celtic’ in Urnfield Europe; equally there is no particular reason for introducing Celtic warriors at the end of the Bronze Age, unless the rich graves of Ha C are theirs. Childe suggested, and he was not alone, that Beakers could be the tangible expression of the Celtic race – which would mean that the whole Bronze Age was ‘Celtic’, though the question of origins would remain insoluble.

Colin Renfrew, num dos melhores capítulos do seu principal livro de síntese, nota:

One of the most obvious features of the archaeology of central Europe in the iron age is the emergence of a prominent élite in south Germany and in southern France, documented most clearly by a splendid series of ‘princely graves’ (Renfrew [1987: 234]).

Ele refuta, como é lógico, uma «invasão» do povo dos Campos de Urnas, e defende a tese de Dillon, que já em 1972 tinha visto uma relação entre os povos ingleses do Vaso Campaniforme e a posterior cultura do Bronze de Wessex, e, a propósito desta, podia concluir: «This is the sort of society which is described in Irish sagas, and there is no reason why so early a date for the coming of the Celts should be impossible». Daqui a conclusão mais actual de Renfrew:

I would prefer to see *the development of the Celtic languages [...] as taking place essentially in those areas where their speech is later attested* [itálico nosso]. That implies an Indo-European speaking population in

France and in Britain and in Ireland, and probably in much of Iberia also, by before 4000 BC (Renfrew [1987: 245]).

E daqui, a sua tese, tomada de empréstimo de Hawkes, de uma «cumulative Celticity» com a Irlanda, a Grã-Bretanha e a Europa continental «on a more equal footing» e com a «pátria» dos Celtas já sem localização, mas «constituted by the full extent of the area where Celtic languages came to be spoken», excluindo a área de sucessiva difusão (Renfrew [1987: 246]).

Parece, porém, que isto não é suficiente para resolver os inúmeros problemas de tipo linguístico, sobre os quais Renfrew parece desinteressar-se, nem para reconstruir com adequada verosimilhança a pré-história dos Celtas.

2. A etnogénese céltica na Teoria da Continuidade Paleolítica

A Teoria da Continuidade Paleolítica (TCP) (Paleolithic Continuity Theory) (cfr. Alinei [1996-2000, 2003] e o sítio www.continuitas.com) tem em comum com a teoria de Renfrew o facto de colocar o centro de gravidade da cultura céltica nas ilhas britânicas e no Ocidente atlântico. Mas, na TCP, os Celtas já aí se encontravam desde o Mesolítico e do Paleolítico Superior, e tiveram, pois, todo o tempo não só para desenvolver e diferenciar a própria língua de modo gradual e realista, mas também para introduzir no léxico, de um modo autónomo, as inúmeras descobertas técnicas relativas à pesca e à navegação (cfr. Alinei [1996-2000, 2004b], Alinei - Benozzo [2006, 2007, 2008a]). Isto torna-se impossível no modelo de Renfrew, para o qual o início do Neolítico é, por definição, a data mais antiga do PIE indiferenciado, e, por isso, o processo completo de diferenciação linguística deve estar compreendido entre o restante período neolítico e a Idade dos Metais. Isto cria problemas insolúveis na leitura da documentação linguística (e arqueológica), semelhantes aos da teoria tradicional.

Quais são os principais argumentos que sustentam a inovadora proposta colocada pela TCP, que tornam possível projectar os Celtas e outros povos IE indiferenciados já na Europa paleomesolítica? Uma resposta completa – que aqui só pode resumir-se minimamente – está dis-

ponível em Alinei [1996-2000: II, 465-573], bem como, para a área ibérica, em Alinei-Benozzo [2006, 2007, 2008a]. Para este artigo escolhemos concentrar a nossa argumentação numa única área celta: a ilha de Man.

2.1. *Um exemplo emblemático: a ilha de Man*

Como sabemos, as áreas insulares, sobretudo as pequenas, são particularmente úteis como banco de ensaio de investigação e de teoria etnogenética. O seu desenvolvimento pré-histórico e a sua estratigrafia arqueológica são necessariamente mais simples o que as das grandes áreas e, portanto, mais fáceis de ler e de interpretar. E o aspecto mais evidente da pré-história e história da ilha de Man é exactamente a sua ininterrupta continuidade do Neolítico até à Idade Média, uma característica que a torna absolutamente refractária à teoria de uma chegada recente dos Celtas. Aparentemente, esta ilha torna-se inexistente para a teoria tradicional IE!

Como é sabido, a ilha de Man é linguisticamente celta: até há poucos decénios, a língua falada era o Manx, uma língua céltica de tipo goidélico, isto é, afim do gaélico da Irlanda e da Escócia. Isto é verdade, também, de um ponto de vista arqueológico: como escreve Clark [1935: 70]: «*The interaction of British and Irish influences and the occasional insular developments are the chief features of the prehistory of the island*» [itálico nosso].

O primeiro grupo humano que encontramos na ilha é o do mesolítico do Tardenoisense (cfr. Clark [1935: 74-75]), o mesmo que se encontra em quase toda a área céltica (bibliografia em Alinei [1996-2000: II, 501-503]). As suas características são afins às da Inglaterra e da Escócia Meridional, que, naquela época, ainda estavam ligadas por terra ao continente (cfr. Kinvig [1975: 22]). No que respeita ao Neolítico, a investigação mais recente demonstrou que, a partir do IV milénio a. C., «the Isle of Man was well integrated into a network of Neolithic cultural interaction within the Irish Sea province» (Burrow [1997:11]). E na utilização da cerâmica «the Manx were influenced by the particular range of designs used in *northeast Ireland and southwest Scotland* [itálico nosso]» (Burrow [1997: 16]).

Dos inúmeros megalitos da ilha (o mapa de Clark [1935: 76] conta 21, distribuídos ao longo de toda a costa) só dois parecem inovadores

(cfr. Burrow [1997: 11-13]), enquanto os outros pertencem a um tipo iminentemente *irlandês* ou *escocês*, «this indicating that these parts were inhabited by people of the same culture» (Kinvig [1975: 25]; cfr. Clark [1935: 80]). Os assentamentos neolíticos da ilha (entre os quais se destaca Ronaldsway) mostram a «characteristic “long house” of many parts of western Britain» (Kinvig [1975: 27]). Só no Médio e, sobretudo, no Neolítico Final, a ilha de Man mostra desenvolvimentos culturais decisivamente independentes da influência externa, *sem que aí existam, contudo, indícios de uma invasão ou de uma imigração* (cfr. Burrow [1997: 27]). À luz da TCP, este período de independência da ilha, da Escócia e da Irlanda, reflecte-se precisamente no desenvolvimento do manx como terceiro ramo linguístico *independente* do goidélico, emparelhando com o gaélico da Escócia e da Irlanda. Também o vaso campaniforme aparece na ilha de um modo que exclui invasões ou migrações (cfr. Burrow [1997: 11]). Posteriormente, durante todo o Bronze e o Ferro, «the Isle of Man remained part of the network of material culture practices current throughout the Irish Sea area» (Burrow [1997: 11]), e os registos volta a ser afins aos do Noroeste da Irlanda e da Escócia (cfr. Clark [1935: 83-86], Kinvig [1975: 29-31]).

Particularmente importante é, enfim, a prova fornecida pelo Ferro: na ilha de Man, ao contrário da maior parte das áreas europeias, *o Ferro é caracterizado pela sua ininterrupta continuidade desde o início até à Idade Média, sendo que a ilha nunca foi ocupada pelos Romanos e nem sequer a chegada do cristianismo deixou vestígios*. O primeiro horizonte arqueológico após o Ferro é o dos Viquingues (sécs. IX e X) e das casas de tipo escandinavo (cfr. Gelling [1972: 285]). Assim, é importante sublinhar que, durante o Ferro, a ilha de Man surge a partir de então caracterizada por aspectos tipicamente célticos, como os *hill-forts* circundados por cavalos de frisa e casas redondas (cfr. Gelling [1972], Kinvig [1975: 32-33]). Por outro lado, estas constituíam defesas, o que indica condições «undoubtedly peaceful for some length of time» (Kinvig [1975: 35]). A única conclusão a que se pode chegar com base nesta ininterrupta continuidade arqueológica é a de que a ilha de Man, tal como a área com a qual partilha as principais características (Irlanda e Grã-Bretanha), era céltica já desde o início do Neolítico e, por isso, deve tê-lo sido também no Mesolítico.

2.2. A área céltica no Paleomesolítico: uma reconstrução

Tentaremos agora esboçar uma reconstrução da totalidade da área céltica referente ao Paleolítico Superior e ao Mesolítico. No que respeita à ilha, esta deve ter sido céltica ainda antes de ser ilha. Como sabemos, neste período a Irlanda e a Grã-Bretanha ainda estavam ligadas ao continente (cfr. Lacaille [1954: 307]), e esta última «was but an extension of the French northern cultural province» (Lacaille [1954: 8-9]) [ver fig. 1].

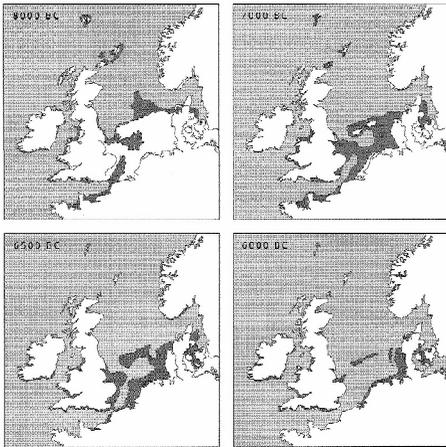


Fig. 1 – Separação das ilhas Britânicas do continente em épocas posteriores ao Paleolítico (seg. Bradley [2007:11]).

Consequentemente, para a TCP, a área protocéltica devia estender-se em terra firme desde a Irlanda até à Gália histórica e até à parte da Bélgica que César considerou céltica. No que respeita aos Pictos, usualmente considerados não IE, são possíveis duas hipóteses alternativas: (A) uma coexistência com os Celtas *ab antiquo*, ou (B) uma intrusão proveniente de nordeste. A sul, ao longo da costa atlântica, a área céltica ter-se-ia estendido até ao Garona, onde – como nos tempos de César – começava a Aquitânia não céltica, tese confirmada também pelo quadro dialectológico francês, dado que a área chamada dos dialectos de *oïl* compreende a metade setentrional da França, e aponta-se a Gironda e a foz do Garona como o seu limite meridional na costa atlântica. A sul desta linha, começavam os dialectos de *oc* ou occitanos, com fortes afinidades de tipo italoíde (para a definição de «italoíde», cfr. Alinei [1996-2000: II, 577-603] e Costa [2002]). A leste, no Sul do continente, a

fronteira celto-gemânica pode determinar-se com exactidão, dado que, tanto na Bélgica como na Suíça, as primeiras culturas do Neolítico e os seus sucessivos desenvolvimentos encontram-se ao longo de uma linha que coincide com a da actual fronteira linguística galo-românico-germânica, mas que pelo menos até Chassey devia ser a fronteira celto-germânica. Na Grã-Bretanha, uma eventual fronteira celto-germânica só pode determinar-se por aproximação, ao longo dos relevos montanhosos da Inglaterra central, supondo que os Maglemosenses que habitavam o território emerso entre a Dinamarca e a Grã-Bretanha teriam atingido também a costa oriental desta última.

Em síntese, os Celtas, enquanto grupo IE diferenciado, devem ter povoado a Europa do Norte e Médio-Central já no Pleistoceno, e a partir daí devem ter-se expandido para o resto da Europa Central e para além. Nas áreas adjacentes, os contactos e as infiltrações dos povos celtas devem ter começado já no final do Paleolítico, com o início da navegação e da pesca oceânica. Uma simbiose com os Italoídes, o que pode explicar as inúmeras e claras afinidades arcaicas de tipo celto-italico, deve ter-se iniciado no Paleolítico Superior (num contexto magdalenense) e no Mesolítico (num contexto sauveterense e tardenoisense).

Recorde-se que, no Atlântico, a pesca e a navegação costeira começaram no Paleolítico Superior, e no Mesolítico devem ter tido uma importância primordial, dado o papel central da pesca na subsistência das populações desse período (cfr. Alinei [1996-2000: I, 589-597], Cunliffe [2001: 117-134], Henderson [2007: 48-50]). Os arqueólogos têm colocado a hipótese de que o abaixamento da temperatura marítima, no máximo glacial (c. 18 cal), tenha provocado o abandono das áreas mais setentrionais e transformado a costa atlântica numa área de refúgio (cfr. Gamble [1986: 339]). Isto teria favorecido a alimentação à base de peixes migratórios, como o salmão, que, deste modo, se teria transformado numa dieta regular própria, na área da Dordonha, dos Pirenéus e da Cantábria. A presença de concheiros no interior do território provaria também uma tendência de expansão para o interior por parte destas populações costeiras (cfr. Gamble [1986: 339]). Partindo deste panorama eminentemente piscatório é, pois, fácil colocar a hipótese de as primeiras bolsas célticas, ao longo da costa atlântica, primeiro a sul do Garona e depois também a sul dos Pirenéus, se terem formado já na era paleomesolítica.

A sul da área céltica, os grupos que ocupavam a costa atlântica pertenciam ao *phylum* italoide, incluindo o latino e o itálico. Mas os pescadores mesolíticos, que gravitavam no golfo da Biscaia e frequentavam a orla da Cantábria ibérica, poderiam chegar à Galiza e a Portugal rapidamente, exercendo uma forte influência desde o início. Por toda a Ibéria, demonstram-no, a nível linguístico, a presença de uma toponomástica céltica e a importância da lenição consonântica (fenómeno tipicamente céltico), e, para a Galiza, diversas características fonéticas lexicais e morfológicas que já referimos em trabalhos anteriores (cfr. Alinei-Benozzo [2006, 2007, 2008a], Benozzo [2006]). Assim, para a TCP, desde o fim do Plaeolítico e do Mesolítico, os Celtas são pescadores e gente de mar e representam uma população tendencialmente destinada à expansão. A ideia recentemente expressa por Barry Cunliffe, de o céltico ser, no I milénio a. C., «the *lingua franca* of the Atlantic community» (Cunliffe [2001: 296]), funciona ainda melhor na ideia-chave da TCP, segundo a qual não se deve «inventar» a adopção de uma língua estrangeira (céltica) comum utilizada numa perspectiva de troca, porque os povos atlânticos eram célticos desde o início da época glacial. Neste sentido, a sua afirmação de que «the ocean facilitated the emergence of a shared Atlantic culture communicated through a *lingua franca* we have come to know as Celtic» (Cunliffe [2001: 565]) pode utilizar-se, de um modo mais eficaz, na perspectiva da TCP, passando de um quadro de tipo sociolinguístico para um quadro de tipo etnolinguístico e referindo-se ao Paleomesolítico (para uma possível convergência das teses de Cunliffe com a da TCP, cfr. Benozzo [2003]; a ideia, expressa por Cunliffe, da existência dos Celtas atlânticos no Bronze Final é hoje em dia seriamente considerada pelos filólogos do celtismo: cfr. Koch [2007: 15], daí a grande atenção colocada na sugestão «the arrow - or post-arrow vector - might more reasonably be reversed, from west to east, from the Atlantic Zone (including Ireland, Britain, Armorica, and the northern and western Iberian Peninsula) to what we shall call the “Continental Watershed Zone”»; cfr. também Henderson [2007: 292-296], com as observações de Benozzo [2008f]).

Noutro local, demonstrámos como a documentação linguística confirma a importância do papel céltico na difusão da terminologia piscatória na Europa Ocidental durante o Mesolítico (cfr. Alinei [1996-2000: II, 537-573]). No Neolítico, começando com o megalitismo e, mais tar-

de, com a cultura do vaso campaniforme (outro contributo céltico fundamental para o desenvolvimento europeu: cfr. Alinei [1996-2000: II, 482-491], Benozzo [2007d, 2008d]), os Celtas misturaram-se com outros grupos IE, de tal modo que determinaram importantes fenómenos de hibridização, como demonstra o fenómeno da lenição consonântica que surge não só na área italoíde (área ibérica, galo-românica, galo-italíca, itálica, sarda e corsa), mas também na área germânica e na Polónia; a área da lenição coincide, em larga medida, com a da difusão do megalitismo [ver fig. 2].

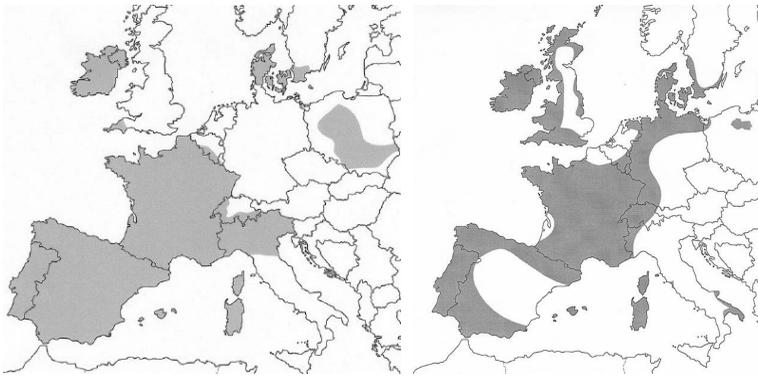


Fig. 2 - em cima: a área da lenição consonântica (segundo Renfrew [1987: 127]); em baixo: a área do megalitismo (segundo Cipolloni Sampò [1990])

Provavelmente, as bases para a criação da futura hegemonia céltica na Europa Central e Ocidental foram lançadas por povos ligados ao megalitismo e, mais tarde, ao vaso campaniforme. Em resumo, no quadro oferecido pela TCP, os Celtas constituem o povo que introduziu, na metade ocidental da Europa, o megalitismo, a metalurgia, a domesticação do cavalo e as técnicas relacionadas com a cavalaria, novos tipos de utensílios e de veículos, a roda radiada, apresentando o mais evoluído grau de desenvolvimento no comércio e na indústria (cfr. Alinei [2004]). Enquanto na perspectiva tradicional os Celtas são um dos principais grupos da proto-história IE, na perspectiva da TCP, são-no já na pré-história da Europa, pelo menos a partir do Mesolítico.

3. O megalitismo mesoneolítico como inovação céltica

3.1 As principais características do megalitismo

Chegando agora ao principal objectivo do nosso estudo, é necessário lembrar resumidamente as conclusões tiradas pela actual investigação arqueológica relativas a este fenómeno.

Como é sabido, entende-se por megalitismo o grandioso fenómeno, típico do Neolítico da área atlântica e também de uma vasta zona da Europa Ocidental, caracterizado pela construção e difusão de monumentais sepulturas colectivas, que eram também o centro de complexos rituais ligados, por um lado, à observação do ciclo anual do Sol e dos astros – fundamental para a agricultura –, e, por outro lado, ao culto dos mortos e à ideia da sua ressurreição. Só no caso da Bretanha, os megalitos foram erguidos ainda no Mesolítico: como veremos não pode ser mera coincidência o facto de se tratar de uma área céltica. Noutros locais, foram-no alguns anos após o início do Neolítico (cfr. Cipollini Sampò [1990: 23]).

O seu aparecimento e extraordinária difusão «assinala o início da agricultura» (L’Helgouac’h [1994: 213]) e deixou uma marca extraordinariamente sugestiva em todos os locais: quer ao longo da costa do Atlântico e do mar do Norte (Irlanda, Grã-Bretanha, Bretanha, França Ocidental, Holanda, Noroeste da Alemanha, Dinamarca, Oeste da Suécia, Portugal), quer no Mediterrâneo Ocidental (Espanha, Baleares, Sul de França, Córsega, Sardenha, Puglia, sem mencionar a área mais tardia e derivativa).

A sua importância para a pré-história europeia é enorme, mas tornou-se ainda maior quando a «revolução do radiocarbono» demonstrou que estas construções europeias são notavelmente mais antigas que as egípcias orientais e gregas, tornando vã a teoria tradicional do megalitismo europeu proveniente do Oriente através dos Gregos (cfr. Renfrew [1973]). O da Bretanha, em especial, precede uns bons dois milénios as pirâmides egípcias! (Cfr. Leroi-Gourhan [1988: s. v. *megalitismo*].) Para avaliar a importância da alteração cronológica é necessário recordar que, há pouco mais de quarenta anos, um reputado arqueólogo como Stuart Piggott datava a construção dos megalitos no II milénio, ao passo que, hoje, os mais antigos estão datados no V!

O quadro seguinte resume a cronologia (nem sempre certa, infelizmente, para todas as áreas) da difusão do megalitismo na Europa:

Bretanha e França ocidental	V milénio (4600 a. C.)
Ibéria	V-IV milénio (4400 a. C.)
Irlanda e Grã-Bretanha	Primeira metade IV milénio (3700 a. C.)
Dinamarca	Primeira metade IV milénio (3600 a. C.)
Alemanha	Primeira metade IV milénio a. C.
Holanda	3500-3100 a. C.
Polónia	Final IV milénio a. C.
Vale de Aosta	Segunda metade IV milénio a. C.
Sardenha e Córsega	IV-III milénio a. C.
França meridional	III milénio a. C.
Baleares	III milénio a. C.
Malta	(templos) 2800-2200 a. C.; antas metade II milénio a. C.
Cólquida	Segunda metade III milénio a. C.
Micenas	1500 a. C.
Puglia	II milénio a. C.
Bulgária e Trácia	sécs. XII-VI a. C.

Mais adiante, falaremos acerca do significado desta sequência.

3.2. *O carácter marítimo da área megalítica*

A área de distribuição dos monumentos megalíticos na Europa é predominantemente marítima. Demonstram-no claramente todos os mapas publicados com a sua distribuição, desde o de Daniel [1963], um dos primeiros investigadores do megalitismo, até o de Cimpolloni Sampò [1990] (ver fig. 2).

Também Renfrew, que defende a poligénese do fenómeno megalítico, negando assim a sua difusão a partir de um núcleo inicial, reconhece: «At first sight the tombs do suggest an almost continuous distribution along the Atlantic coasts from Denmark to south Spain» (Renfrew [1973: 138]); e, mais especificamente, «The main concentrations of the chamber tombs of western Europe are along what P.R. Giot and T.G. E Powell have called the “Atlantic façade”» (Renfrew [1973: 157]). Na sua monografia acerca do megalitismo europeu, Cimpolloni Sampò afirmou assim a este respeito:

na distribuição destes monumentos megalíticos, especialmente dos mais antigos, é relevante o facto de que estão sobretudo concentrados ao longo da costa atlântica e foi este factor que, no passado, levou, em grande parte, a realçar-se a hipótese da difusão via marítima dos «missionários megalíticos» (Cipolloni-Sampò [1990: 22]).

Se tomarmos ainda em consideração a área megalítica da Europa, mais tardia e derivativa, salta à vista a sua relação com o mar: também na Turquia europeia e na Bulgária, na Crimeia e na Cólquida caucasiana, por exemplo, eles surgem nas margens do mar Negro. Além disso, nas áreas isoladas, os monumentos mais antigos surgem no litoral, enquanto os que se encontram no interior são mais recentes: por exemplo, na Bretanha, os megalitos mais antigos são os da costa do Morbihan, na costa setentrional da Finisterra e nas Costa do Norte, nas ilhas de Jersey e de Guemsey (cfr. Hibbs [1983: 285-287]).

3. 3 Tipos e nomes de monumentos megalíticos

Curiosamente, durante o período da arqueologia pré-científica, os megalitos receberam nomes célticos: umas vezes, até, artificiais (como *dolmen*, «mesa de pedra», e *menhir*, «pedra comprida») outras reais (como o gaélico *cairn*, «montículo de pedra», o galês, *cromlech*, «círculo de pedra de suporte»). E isto porque desde os primórdios da arqueologia, a excepcional riqueza dos megalitos bretões e galeses havia colocado a área céltica no centro das atenções dos investigadores (cfr. Hibbs [1983: 271-273]), contribuindo para criar as condições do aparecimento da «celtomania» (cfr. Benozzo [2008c]). Posteriormente, com base em estudos cada vez mais aprofundados sobre a sua complexa tipologia, os megalitos receberam diversos nomes científicos, enquanto alguns dos nomes célticos se mantiveram com significados específicos. As principais definições são: *sepultura de câmara* (que é o termo que classifica a maior parte dos monumentos megalíticos), *allées couvertes* (sepultura de galeria), *alinhamento*, *cairns* (montículos de pedra), *court cairns* (sepultura de pedra com átrio), *cromlechs* (recinto megalítico), *antas* (*dolmens*), *long barrows* (sepulturas longas de pedra), *menirs* (pedra alçada) *passage tombs* (sepultura de corredor), *wedge tombs* (sepultura em cunha).

Alguns dos tipos principais estão reproduzidos na fig. 3.



Fig. 3a - Anta (Forkhill, Irlanda) [fotografia de F. Benozzo]



Fig. 3b - Sepultura de corredor (Newgrange, Irlanda) [fotografia de F. Benozzo]



Fig. 3c - Sepultura de galeria (Trebeurden, Bretanha)



Fig. 3d - Menires e alinhamentos (Carnac, Bretanha) [fotografia de F. Benozzo]

3. 4. *A função religiosa e astronómica dos monumentos megalíticos*

A função astronómica dos megalitos, em especial na sua relação com a religiosa, constitui, talvez, o seu aspecto mais fascinante. Tenazmente negada pelos investigadores até há pouco tempo, é actualmente universalmente aceite, depois de Atkinson [1979] o ter demonstrado, de forma clamorosa, em relação a Stonehenge, e depois de se terem seguido descobertas desta função noutros monumentos. Como escreve Cunliffe [2001: 203], embora «some of what has been written “about astronomical significance of megaliths” is completely spurious and some is unproven, yet there remains the unshakeable fact that a number of our most impressive megalithic tombs were designed with immense skill to relate precisely to significant solar or lunar events».

Basta recordar, entre outros exemplos mais significativos, que o túmulo irlandês de Knowth tem uma orientação equinocial, associada ao início da estação da sementeira e da colheita (cfr. Harbison [1988: 68]). Newgrange, situado a pouca distância deste, é um dos exemplos mais elucidativos: trata-se de um santuário megalítico, datado de 2475-2465 a. C. (cfr. Harbison [1988: 76]), que consiste numa sepultura de corredor [ver fig. 3b]. O túmulo foi construído de modo a que o eixo do corredor de acesso à câmara central fosse orientado em direcção ao ponto do horizonte onde surgia o Sol, a 21 de Dezembro, o dia do solstício de Inverno, o mais curto do ano (em termos religiosos actuais, o dia de Natal). Eis a descrição de Harbison [1988: 76-77]:

When the orb of the sun climbs over the horizon on that day, its rays go straight through the doorways of the tomb, but because the passage behind the entrance rises gently upwards towards the burial chamber, those rays which come through the door only shine in about half way along the upward-sloping passage. Because of this, the builders constructed a so-called «roof-box» - a small opening above the doorway which allowed the sun's rays to enter horizontally at a sufficiently high level for them to penetrate along the whole length of the passage as far as the centre of the chamber, as O'Kelly discovered in 1968, though others had apparently suggested this possibility earlier. The 21st of December a pencilthin ray of sunlight penetrate[s] the chamber for a mere seventeen minutes, from 8.58 to 9.15 a.m. Winter time [...] While it also does so on a few days either side of the winter solstice, it otherwise disappears from the chamber for another year.

Aqui, surge de forma clara a função simultaneamente científica e religiosa do monumento. O solstício, que o monumento «captura» de um modo absolutamente exacto, assinala simultaneamente o fim do principal ciclo anual da natureza, o do ciclo solar agrícola, e o início de um novo ciclo: o Ano Novo. Além disso, visto que a luz do Sol solsticial bate no túmulo colocado no centro do monumento, é evidente que a ressurreição do Sol deve coincidir com a dos mortos e assegurar o mesmo renascimento a todos os seres vivos, herdeiros ou súbditos do sepultado (cfr. Harbison [1988: 77], Stout-Stout [2008: 45-52]). A importância desta observação para a interpretação dos megalitos é enorme porque permite compreender a correlação entre a ressurreição do Sol e

a ressurreição dos mortos. Em termos mais gerais, a função do monumento era ao mesmo tempo científica, funerária e mágico-religiosa. Escavações recentes demonstraram que também os alinhamentos, isto é, a fila singular ou múltipla de pedras alçadas (extraordinariamente difundidas na Bretanha) têm provavelmente uma função mista, ritual e astronómica (esta última relacionada com as elevações envolventes (cf. Hibbs [1983: 296]). Os estudos dos últimos vinte anos têm, assim, fornecido uma prova estatística relevante de que os construtores dos megalitos e a comunidade ligada aos megalitos observavam constantemente o ciclo lunar: um exemplo emblemático é o *Grand Menhir Brisé*, ainda na Bretanha, actualmente interpretado como o maior observatório lunar da Europa neolítica (cfr. Thomm [1974]) [ver Fig. 4].

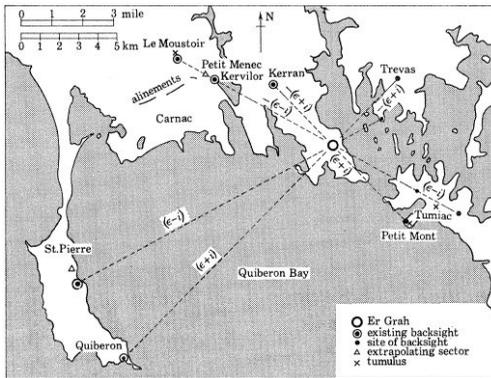


Fig. 4. Orientação do *Grand Menhir Brisé*, na Bretanha.

Como veremos no próximo parágrafo, Renfrew reconheceu uma outra função importante na já rica complexidade dos monumentos megalíticos: a da demarcação de tipo social e territorial aceite hoje por todos os investigadores. No entanto, ele utilizou este argumento para sustentar, a nosso ver de um modo pouco satisfatório, a sua teoria poligenética.

3.5. A teoria poligenética de Renfrew e a teoria monogenética e céltica da TCP

Renfrew nega a unidade fundamental do megalitismo e, portanto, refuta a existência de uma «província megalítica», defendendo a possibilidade de uma origem autónoma e de um desenvolvimento local

para, pelo menos, quatro áreas megalíticas: Bretanha, Dinamarca, o Sul da Grã-Bretanha e Ibéria (cfr. Renfrew [1973: 140-142]). Simultaneamente, ele critica aquilo que designa por «diffusionist trap» e na qual também Gordon Childe caiu. A tese de Renfrew tem, ainda hoje, muita influência: basta pensar que depois de ter recolhido, durante mais de um decénio (cfr. Rodríguez Casal [1990, 1991, 1997a, 1997b]), dados muito precisos que indicam – tal como na óptica da TCP (ver mais adiante) – uma clara correlação entre as datações do megalitismo e a direcção da sua difusão, Rodríguez Casal [2006: 9] conclui, inexplicavelmente: «we must accept that several independent centres saw the origins of megaliths synchronically» (sobre esta curiosa discrepância, cfr. Benozzo [2008e]). Como geolinguistas com longa experiência e um método fiável na leitura dos mapas culturais e dialectais, confessamos não ter qualquer dificuldade em aceitar uma leitura «difusionista» do mapa de distribuição dos megalitos (ver Fig. 2). Pelo contrário, o megalitismo aparece claramente como um fenómeno cultural, cuja área de distribuição é demasiado compacta, e demonstra características por de mais evidentes de unidade para poder ser explicado como fenómeno poligenético. É muito mais simples, económico e sensato assumir que deve ter existido um foco originário com uma ou mais áreas de desenvolvimento relativamente independente. No plano histórico-cultural, a diferença entre as quatro áreas mencionadas pode ser vista, de preferência, tal como se pode falar de um barroco italiano (e dentro dele de um barroco romano, um pugliense, um outro siciliano, etc.), de um barroco alemão, de um barroco boémio e por aí fora. Atribuir uma origem poligenética a fenómenos culturais dispersos pelo mundo é legítimo e, por vezes, indispensável, quando se trata de fenómenos correspondentes a exigências universais e quando eles são realizados de modo nitidamente diferenciado (por exemplo, os enterramentos). Pelo contrário, não faz muito sentido, na medida em que esta área é compacta e se pode falar de uma «tipologia» e de um «estilo» específico. No sentido lato, o megalitismo, entendido como a utilização de pedras grandes para fins monumentais, pode ser considerado universal. O megalitismo do Neolítico europeu é um fenómeno demasiado específico, quer pelos limites geográficos quer pela uniformidade tipológica, para ser olhado sob um ponto de vista poligenético. Por outro lado, a tese contradiz as observações dos especialistas, que podem referir a «semelhança de construção» entre alguns túmulos franceses e irlandeses, ou entre fran-

ceses e ingleses (L'Helgouac'h [1994: 220]); de «ligações culturais» dos megalitos do Sul da Ibéria com os da Gália ocidental (L'Helgouac'h [1994: 225]), de «analogia comprovada» entre as representações portuguesas e as da Armórica ou as irlandesas (L'Helgouac'h [1994: 227]); das «relações estabelecidas há muito» entre monumentos ingleses e sepulturas na região do estuário do Loire (L'Helgouac'h [1994: 231]); da semelhança – «a melhor que é possível encontrar-se» – entre os motivos da arte de Loughcrew, na Irlanda, e os de um monumento bretão (L'Helgouac'h [1994: 233]); da «importante semelhança» entre as *allées couvertes* da bacia parisiense e as sistas do Oeste da Alemanha (L'Helgouac'h [1994: 242]). Hibbs, que também nega a unidade do megalitismo («There is [...] no reason to suppose that one [megalithic] area derived the form of its ritual complex directly from another»: Hibbs [1983: 314]) admite, no entanto, que «the similarity in general morphology [of the *allées couvertes* of Brittany] to the Paris basin *allées couvertes* and the parallel use of certain artistic motifs mean that influence from north-eastern France cannot be ruled out» (Hibbs [1983: 293]). Aceita a unidade do megalitismo bretão na base da identidade ou semelhança de alguns motivos nas sepulturas megalíticas e nos menires da Bretanha (cfr. Hibbs [1983: 299]), mas não omite que motivos semelhantes ou idênticos também se encontram nas sepulturas da bacia parisiense (cfr. Howell [1983: 68]): facto este que prova, sem qualquer dúvida, a existência de uma unidade cultural mais vasta. O próprio Renfrew admite a possibilidade de uma proveniência bretã do megalitismo escandinavo (cfr. Renfrew [1973: 141]), ou de contactos e troca de ideias entre o Norte da Ibéria e a Irlanda (cfr. Renfrew [1973: 141-142]), ou muito simplesmente «the possibility that [Iberian megaliths] would be inspired from Brittany to the north» (Renfrew [1973: 142]). Tudo declarações que desvalorizam, na essência, a tese poligenética.

Assim, no que respeita às origens do megalitismo, o próprio Renfrew [1973: 156] interroga-se:

Why, in a specific area – Western Europe – do we find such a concentration of megalithic tombs, while in other regions of Europe and the Near East there are hardly any comparable monuments? [...] might this localized distribution not suggest – he continues – a spread, *from a single centre* [italico nosso], of the idea of collective burial in built tombs?

A questão é bem colocada, mas Renfrew prefere responder assim: a concentração de túmulos megalíticos no Atlântico não se deve a este «single spread», mas à existência de uma «Atlantic façade», na qual a cultura agrícola, proveniente do Oriente, no final do seu percurso teria sido inexoravelmente constrangida a parar. Entaladas nesse local, nos aparentes confins da Terra e sem possibilidades de continuar a avançar, todas as populações neolíticas teriam sentido a necessidade de demarcar o seu território com grandes monumentos de pedra, e para elas, os megalitos não teriam apenas a função de locais de culto, ligados a túmulos de antepassados tribais, mas também a de demarcação territorial. Um pouco como o foram, mais tarde, as igrejas medievais em relação às aldeias rurais. Os monumentos megalíticos seriam, em suma,

permanent social centres for the group within whose territory they lay and whose dead they received «and» an indication of societies where co-operation between neighbouring lineages or clans was effected by exchanges [...], and sometimes by participation in the construction of chambered tombs (Renfrew [1983: 155]).

O contexto social destas trocas e desta cooperação seria o dos grandes festejos colectivos, documentados pela etnografia, no âmbito dos quais ocorria a troca de mulheres entre grupos, famílias e indivíduos.

Esta reconstrução, no entanto, ainda que indubitavelmente ligada a aspectos funcionais inéditos do megalitismo, surge condicionada pelo esquema da dispersão neolítica IE, adoptado por Renfrew, o qual obriga o investigador a renunciar a uma visão mais simples, complicando os dados e omitindo alguns factos fundamentais.

1) Antes de mais, a tabela cronológica, publicada acima, demonstra, através do simples paralelismo entre a cronologia da difusão megalítica e a sua direcção, que se tratou de um processo gradual, vindo da costa atlântica para o interior em direcção ao resto da Europa e para além dela: os megalitos bretões são os mais antigos, enquanto os da Europa Setentrional, Central e Meridional vão sendo mais recentes à medida que se afastam da costa atlântica. Os megalitos ibéricos da Galiza e de Portugal são igualmente antigos e, de facto – como temos sublinhado –, a influência céltica na costa atlântica da Ibéria deve remontar já ao Mesolítico.

Portanto, não se pode defender, sem falsear os factos, que a onda de avanço do megalitismo coincide com a da agricultura: na realidade, aquela vai em sentido contrário, de ocidente para oriente, e deixa-se interpretar, porventura, como uma onda de refluxo. Além disso, a comparação com as igrejas medievais serve realmente para evidenciar uma deficiência na argumentação de Renfrew. Quando as igrejas medievais foram construídas, eram românicas e assim nasceram com uma *identidade estilística*. Os seus construtores inspiravam-se sempre no modelo preexistente, mesmo quando o recriavam, e contribuíram assim para a sua difusão. A inovação do megalitismo seguiu o mesmo tipo de desenvolvimento: inicialmente terá sido inspirado num modelo mesolítico céltico (bretão) e poderá ter sido reproduzido com uma maior ou menor quantidade de variações quer na área céltica quer na área não-céltica de subsequente expansão. A sua distribuição atlântica, norte-europeia e mediterrânica ocidental deverá encarar-se, em nossa opinião, como uma *wave of advance* céltica e esta foi, provavelmente, a primeira que os Celtas efectuaram na Europa, antecipando e anunciando as posteriores, do vaso campaniforme, de Hallstatt, de La Tène e dos Galos.

2) Além disso, a primeira forma de megalitismo, isto é, a bretã, surge com características que a distinguem das outras áreas.

A) É apenas na Bretanha que o megalitismo mergulha as suas raízes no Mesolítico, visto representar a transformação de áreas rituais mesolíticas não monumentais (cfr. Hibbs [1983: 310-312]).

Os locais clássicos para esta observação são os de Tévéc e Hoëdic, duas ilhotas bretãs (assentamentos de pescadores!), que revelaram, já em níveis mesolíticos, um enterramento colectivo em cista de pedra, coberta também com pedra, datado entre 5500 e 5000 a. C., demonstrando, assim, o elo de continuidade entre os rituais mesolíticos e os rituais neolíticos (como o próprio Renfrew [1973: 58] reconhece). Acabando, afinal, por aderir, como se disse – e sem explicar o motivo –, ao modelo de Renfrew, Rodríguez Casal [2006b: 6] escreve a este propósito, sem meios termos, «it seems plausible that the Atlantic megaliths saw their origins in Tévéc and Hoëdic: a cultural process would have led to the evolution from the shell-midden and the protodolmen to the large cairn» (cfr. Também Benozzo [2008e]).

B) É só na Bretanha que a grande concentração de sítios megalíticos é do Neolítico Antigo; na costa e nas ilhas, a mesma concentração de megalitos e a coexistência de elementos mesolíticos – como por exemplo, os depósitos de conchas no túmulo megalítico (cfr. Hibbs [1983: 313]) – demonstram a continuidade da economia mesolítica da pesca e levam os arqueólogos a concluir que as tradições e os povos mesolíticos se mantiveram e foram integrados e não substituídos pelas tradições neolíticas.

C) A antiguidade dos megalitos bretões, o seu nível de construção e a complexidade dos rituais, que se podem adivinhar através deles, indicam que o seu início deve entroncar num período anterior (cfr. Hibbs [1983: 112]).

D) Como o próprio Renfrew [1973: 14] reconhece: «The range of grave forms in Brittany is striking». Isto é sempre típico dos núcleos originários, enquanto a elaboração de modelos particulares é diferenciada nas áreas periféricas e mais recentes.

3) Por último, no caso das ilhas de pequenas dimensões, como a de Arran, na Escócia (Firth of Clyde) – até há poucos anos de língua gaélica –, ou a de Rousay, nas Órcades – na actualidade de língua inglesa, mas originalmente céltica –, é inclusivamente possível observar a continuidade das actuais propriedades em comparação com as do Neolítico e, ao mesmo tempo, a estreita relação entre os monumentos megalíticos e as terras aráveis (cfr. Renfrew [1973: 149]). De facto, o que se observa em Arran é a continuidade ininterrupta da cultura material desde o Neolítico até hoje. Renfrew está naturalmente ciente de tal, mas omite a referência de que, nesta ilha tal como na ilha de Man, não há qualquer vestígio de invasão ou imigração de cultivadores, como seria de esperar de acordo com a sua teoria. Casualmente, assinalamos que é possível reavaliar, segundo a TCP, a própria etimologia da designação das ilhas Órcades (Orkney): uma vez que vem do céltico *ork*, ‘porco’, o único contexto possível para o colocarmos é o Neolítico, momento em que a inovação dos animais domésticos chegara à ilha atlântica.

Já na primeira edição do seu *Dawn of European Civilization* [1925], Gordon Childe afirmara: «The great centres of megalithic architecture

in Europe are precisely those regions where the Palaeolithic survivals are the most numerous and best attested» (Childe [1957: 133]). O que implica, obviamente, uma directa continuidade entre as *stone traditions* paleo e mesolíticas e o megalitismo, visto que um culto da pedra só pode nascer e florescer onde esta já era utilizada com especial sucesso. Renfrew é obrigado a negar esta continuidade para salvaguardar a sua ideia de «immigrant farmers» (Renfrew [1973: 157-158]). Mas, mais uma vez, não existe qualquer vestígio da sua chegada na documentação arqueológica!

Por fim, caso se aceite – como faz Renfrew – a tese de Humphrey Case, segundo a qual os túmulos megalíticos «may indeed be an invention of Atlantic Mesolithic communities» (Renfrew [1973: 158]), admite-se também, implicitamente, a existência de um núcleo originário, que é exactamente aquilo que ele queria negar. A tese de Renfrew sobre o valor dos megalitos como demarcadores socioterritoriais mantém-se válida – tão válida quanto a observação de que não podia haver expansão agrícola nas áreas costeiras; esta, no entanto, é completamente conciliável com a ideia dos «missionary megalitics» de Childe, dado que o significado dos monumentos megalíticos não pode ser reduzido à função de demarcadores, mas deve também incluir a científica, ligada à observação do ciclo solar e dos astros, e a religiosa, ligada à ideia de ressurreição dos mortos. Liberta do poligenetismo e integrada na teoria de Childe, a teoria de Renfrew resulta, em suma, mais produtiva.

Em conclusão, e com fundamento na identidade ou semelhança de funções, formas, materiais e localizações – para além do fundamento sequencial de datações disponíveis –, aceitando-se a existência de uma «província megalítica», a sua área correlaciona-se elementarmente com a céltica: a Irlanda, inteiramente céltica, é toda megalítica. Na Grã-Bretanha, as áreas de máxima densidade megalítica são as três áreas célticas: Gales, Cornualha e Escócia (esta última, inclusivamente, na sua zona ocidental, mais exposta à influência irlandesa). Em França, a Bretanha céltica é a área megalítica *por excelência*. Na Península Ibérica, a máxima densidade megalítica é o litoral da Galiza e de Portugal, isto é, o território onde a presença céltica deixou vestígios mais relevantes na língua, na toponomástica e no folclore (cfr. Alinei-Benozzo [2006, 2007, 2008a], Benozzo [2006]; para a área cantábrica, cfr. Arias *et al.* [2006]). Por consequência, a hipótese mais simples e mais económica é

a de os pescadores mesolíticos do Atlântico Central, isto é, os primeiros construtores de megalitos, terem sido já de língua céltica naquela época e a de terem sido eles mesmos, com o início da agricultura, a contribuir para a expansão do fenómeno megalítico, primeiro, ao longo da fachada atlântica e em toda a área de língua céltica e, mais tarde, em todas as regiões não célticas (Europa Central, Mediterrâneo Ocidental e Golfo Tirrenáico, Holanda, Alemanha do Norte e Escandinávia), com reconhecíveis contributos de características célticas, com diferentes datações e importância, linguisticamente identificáveis em termos de empréstimos lexicais, fenómenos morfológicos e fonética (*in primis*, como se disse, a lenição consonântica).

O ponto de vista de Gordon Childe, para quem os «missionários megalíticos» teriam sido os difusores da «religião megalítica», de leste para oeste, deverá assim inverter a direcção – de oeste para leste – e de ser completado com a identificação étnica e linguística dos protagonistas.

4. *Nomes dialectais e lendas sobre megalitos, como sinais de uma continuidade etnolinguística da Pré-História*

Em quase todas as áreas em que surgem, os megalitos têm nomes mágico-religiosos, umas vezes genéricos, outras, específicos, cujo valor tem sido pouco estudado pela linguística (cfr. De Guérin [1922], De Barandiaran [1949, 1958], Alinei [1984, 1996-2000: II, 479 - 481], Benozzo [2008a]).

Além disso, frequentemente, estes microtopónimos estão ligados a lendas e conceitos que se revelam de extraordinária importância para inferir de uma continuidade pré-histórica da cultura e das línguas europeias (ver Alinei [1996 - 2000: I, 409 - 412, Alinei - Benozzo [2006: 34-40, 2007: 341-343, 2008a: 20-22], Benozzo [2008a]).

Por muito que alguns investigadores tenham, por vezes, argumentado que o folclore dos megalitos pode remontar a um passado proto-histórico e pré-histórico (cfr., por exemplo, Van Gennep [1917: 164-165], Ohlhaber [1937], Deppe [1983-1984]), esta opinião é, em geral, considerada vulgarmente pouco plausível. Estamos, certamente, conscientes de que – como escreve Cornélio Holtorf – «folklore can also be manipulated, and some tales are in fact of very recent origin» [Holtorf 2000-2007: 12] –

são diversos os casos que provam esta «manipulação», e o próprio Holtorf estudou alguns exemplos relativamente ao Mecklenburg-Vorpommern alemão:

During the 17th century, for instance, the Hertha-legend in Tacitus was mistakenly linked by the antiquarian Philipp Clüver to the Stubbenkammer on Rügen. Once established, however, the legend remained attached to the site and is still today often referred to in the local tourist industry. Similarly, an old grindstone found in Forst Werder became an Opferstein in c. 1856 when a man was keen to be able to show his friends a local sight. Moreover, the great similarity in the themes of many folktales over large areas seems to suggest that such tales are influenced more by each other than by the places they are about. The folklore of ancient sites may thus be due to a widespread social phenomenon rather than to a continuity of oral tradition from prehistory [Holtorf 2000-2007: 15].

No entanto, a própria TCP oferece a possibilidade de reconsiderar o problema numa perspectiva epistemologicamente renovada e informada. As numerosas comunidades dialectais europeias – mais tarde transformadas em «massas rurais» – permaneceram no silêncio da pré-história até há pouco tempo: o seu mundo e a sua cultura material e espiritual tornaram-se objecto de estudo por parte de disciplinas específicas que se ocupam da realidade subalterna, *substandardizada*, «popular» ou «folk» (não só a dialectologia, mas também a etnografia, a etnologia, a antropologia cultural, a medicina/música/religião «popular», etc.). Este universo subalterno, paralelo ao do alfabetizado, apresenta-se exclusivamente sob a forma de vestígios, resíduos, destroços, etc. Para a TCP,

in order to define precisely their provenance (remains and wreckages of what?) it is necessary to relate this universe with what is the critical moment of the phenomenon – the moment of its birth, towards the end of the Neolithic and at the beginning of the Metal ages, the beginning of social stratification, the beginning of history for elite groups, and the beginning of a new form of prehistory for the socially inferior groups. The universe whence these various collections of remains come - from dialectal ones to those associated with traditional folk tales and myths – is the universe of the groups who lost their

liberty with the beginning of the Metal ages and the establishment of stratified societies. Naturally, it is also a continuation of the preceding universe of the Palaeolithic egalitarian societies. This conclusion is, in itself, a first step in the formulation of a theory of generalized continuity [Alinei 2004: 231].

Neste sentido, importa salientar que a alfabetização dos dialectos (assim como o modo de considerar a lenda) não pode, de qualquer forma, ser comparada à alfabetização das línguas literárias (e ao modo de ler a literatura «não-lendária»), devido ao facto fundamental de estas últimas utilizarem essencialmente a escrita como instrumento de poder, tal como de cultura. Pelo contrário, os dialectos são alfabetizados de um modo exclusivamente passivo, com a finalidade – por exemplo – de serem mais bem estudados: em suma, mesmo quando isso acontece, eles nunca podem concorrer com o padrão nacional e *estandardizado*, que é o único instrumento de poder, cultura, ciência e ensino. Portanto, as concepções pré-históricas que afloram com os dialectos persistem ainda depois da sua alfabetização. Se aceitarmos esta premissa,

we shall be no longer able to maintain, sic et simpliciter, that old written languages are older than modern dialects. What we have in this case are two different usages of the word 'old', ambiguous in itself, which concern two phenomena of different nature and are therefore impossible to compare. As I have already said, it is always possible to avoid the ambiguity in the two usages by contrasting 'archaic' with 'old' on the one hand, and 'innovative' with 'modern', on the other hand. Substandard dialects are 'archaic', and as such represent an earlier layer than written languages, irrespective whether these are modern or ancient [Alinei 2004: 222].

Esta abordagem invertida, que é, por exemplo, confirmada pela motivação totémica presente em muitos nomes de animais (cfr. Alinei [1984], tal como a dissertação de Caprini [1998]) ou o significado pré-histórico de muitos nomes dialectais de objectos manufacturados, utensílios e profissões tradicionais (cfr. Alinei [2001], Benozzo [2006, 2007b, 2008a, 2008b, 2008h, 2008i]), permite avaliar muitos dados folclóricos e linguísticos sob uma nova perspectiva etnolinguística e etnofilológica (cfr. Benozzo [2007c, em prep. a, em prep. b]). Tentaremos

oferecer uma exemplificação representativa da importância destes nomes e lendas megalíticas para a TCP, considerando também áreas diferentes da céltica, tal como a italoide (nomes e lendas dos megalitos da Córsega, da Galiza, de Portugal e de França) e a germânica (nomes e lendas dos megalitos de Mecklenburg-Vorpommern).

4. 1. *Relação entre a lenda e a cronologia dos megalitos*

O primeiro aspecto relevante diz respeito à relação entre o folclore dos megalitos e a sua cronologia.

No Mecklenburg-Vorpommern (onde os mais antigos dos cerca de 1200 megalitos, actualmente conhecidos, estão associados à cultura neolítica de Trichterbecher [TRB], c. 4000-2800 a. C.: cfr. Midgley [1992]), muitas lendas descrevem os megalitos como *túmulo*, *casa* ou *forno de gigantes* (cfr. Temme [1840], Bartsch [1879: 29-36], Haas [1925: 53-60]). O mais antigo testemunho escrito relativo aos *tumuli* encontra-se em documentos do século XIII (cfr. Lisch [1837]) e, ainda hoje, os megalitos são denominados *Hünengräber*, «túmulo de gigantes». Para além dos gigantes, há referências a criaturas feéricas e encantadas que vivem dentro da colina megalítica e protegem tesouros escondidos, denominadas muitas vezes *Unterirdische*, «gente do mundo subterrâneo» (cfr. Bartsh [1879: 41-52]). A distinção entre *Hünengräber* e *Unterirdische* é significativa, à luz da TCP, visto que – como já se viu – (cfr. Haas [1925: 51, 60]) – as sepulturas que se associam a criaturas mágicas são da Idade do Bronze e do Ferro, ao passo que as associadas a gigantes pertencem ao Neolítico. Esta relação pode ser considerada um reflexo da crença – bem documentada no folclore local – de que a terra foi habitada inicialmente por gigantes e, sucessivamente, por criaturas encantadas e humanas: a única explicação lógica é que esta relação arqueoetno-dialectal remonta à pré-história neolítica e à Idade dos Metais.

Observa-se uma distinção semelhante na Bretanha, onde as lendas referem habitantes diferentes para diferentes tipos de megalitos. Por exemplo, os complexos megalíticos mais pequenos e mais recentes (remontando ao Bronze e ao Ferro) são muitas vezes denominados *roches aux fées* («pedras das fadas»), enquanto das estruturas maiores e antigas se diz que são habitadas por um ser apelidado, em bretão, *gwrac'h*, isto é «a Velha» (cfr. Giot - L'Helgouac'h-Monnier [1998: 501]). A figura da Velha é emblemática: como é sabido, ela surge em muitos dialectos euro-

peus para denominar fenómenos naturais (como o nevoeiro ou o arco-íris), animais (como a joaninha ou a doninha), doenças e objectos (cfr. Alinei [1988, 1996-2000: I, 696-699], Benozzo [2007b]); não é por acaso que «a Velha» (Lat. *vetula*, Germ. *Alte*, Slav. *Baba*) está presente em todo o mundo, em mitos, lendas, festas de calendário e carnavalescas, e é considerada por alguns investigadores (por exemplo, Vladimir J. Propp) como uma epifania da Grande Mãe (cfr. Alinei [1988]). Assim, não só a idade dos megalitos, aos quais o termo bretão *gwrac'h* (que pode, além disso, ser empregue para designar o próprio megalito e não só a criatura que o habita) se refere, como até a sua motivação indica que ela deve entroncar no Neolítico (época em que muito provavelmente se desenvolveu o conceito da Grande Mãe), enquanto o nome de «pedras das fadas» pertence a conceitos típicos da Idade dos Metais.

Essa mesma relação entre a cronologia dos megalitos e o folclore surge na Galiza, onde inúmeras lendas e nomes (*pedra dos mouros, casa dos mouros, anta da moura*) indicam que nas crenças populares os megalitos foram construídos por gigantes designados *mouras* (no feminino) e *mouros* (no masculino) (cfr. Alonso Romero [1998: 21]), termos ligados com a raiz céltica *MRVOS, 'morto, ser sobrenatural' (cfr. Alinei - Benozzo [2006: 39, 2007: 342, 2008a: 21], Benozzo [2007: 477, 2008d: 53] e, por último, Morais [2008: 30], que aceita esta hipótese como a mais plausível). Um outro termo empregue frequentemente para dólmen é *mamoa*, uma palavra que continua o latim MAMMULAM, «mama»: este significado está claramente ligado ao aspecto que os megalitos tinham na pré-história, quando as antas, cobertas de terra, se apresentavam com a forma de pequenos montes [ver Fig. 5], e às lendas em que as *mouras* surgem muitas vezes a aleitar os seus filhos, nas imediações de sítios megalíticos (cfr. Alonso Romero [1998: 22], Aparício Casado [1999: 22]). Assim, estes nomes e estas lendas devem ser originárias de um período em que a forma dos megalitos era diferente da que têm actualmente (o que hoje vemos é, muitas vezes, apenas o esqueleto da arquitectura originária).



Fig. 5 - Aspecto primitivo de uma *mamoa*
(seg. Lema Suárez (2007).

Sob o ponto de vista de cronologia pré-histórica, pode dizer-se que, enquanto a motivação da imagem do morto e do ser sobrenatural, implícita na etimologia céltica de *mouro/moura* e o emprego frequente acima citado da palavra *anta* (cujo primitivo significado é precisamente «entrada») remonta ao significado originário destas construções (isto é, a um período mesoneolítico), a implícita no significado de «mama» parece derivar da ideologia típica neolítica relativa à Mãe Terra.

As lendas irlandesas estão entre as mais significativas. Em primeiro lugar, estão relacionadas com os megalitos construídos no Neolítico e, enquanto tal, podem ser explicadas de um modo mais simples no âmbito da TCP – que as faz reportar ao mesmo contexto megalítico – ao contrário de uma óptica tradicional ou do modelo de Renfrew, onde se impõe uma descontinuidade de qualquer tipo sem uma explicação adequada, contradizendo a realidade dos monumentos aos quais o folclore está claramente associado e à volta dos quais se desenvolveu. O sítio de Tara é um dos muitos casos que pode citar-se: tradicionalmente, a sua lenda faz remontar aos reis irlandeses e a S. Patrício (século V) (cfr. Green [1997: s.v. Tara], Newman [1997]), mas a *Passage Tomb* de Tara é do IV milénio a. C. e a sua lenda só pode derivar dessa época. A citada Newgrange, talvez a mais famosa *Passage Tomb* conhecida actualmente, também do IV milénio a. C. – de valor excepcional pelas suas óbvias funções religiosas e astronómicas –, é o local lendário de sepulturas de reis pré-históricos de Tara, assim como dos *Túatha Dé Danann*, «os povos da deusa Danu». Segundo as inúmeras lendas, estes seres sobrenaturais viviam no mundo subterrâneo e possuíam poderes sobrenaturais (cfr. Carey [2006], Harbison [1988]).

Newgrange foi sempre considerada a morada de Daghdhad, o deus bom, e, por outro lado, está edificada sobre o rio Boyne, cuja deusa epónima, Boand, está inteiramente ligada à história do complexo megalítico, exactamente designado, em língua irlandesa, *Brú na Bóinne* (cfr. Green [1997: s.v. Boann, Daghdha], Bhreathnach [2006]). Em síntese, Newgrange era um local mágico. Tradicionalmente, as suas lendas são atribuídas ao Ferro ou, pelo menos, ao Bronze, enquanto o sítio é datado do Neolítico: é difícil acreditar, porém, que uma tradição oral de tipo mágico-religioso tenha começado dois ou três milénios depois da construção do monumento cuja função era, precisamente, desde a sua origem, mágico-religiosa!

4.2. *Relação entre as lendas e as escavações arqueológicas mais recentes*

Também as surpreendentes relações entre o folclore e os resultados das escavações arqueológicas parecem sugerir uma continuidade lendária de longa duração.

No que respeita a Gales, pode citar-se a lenda de Bryn yr Ellyllon, próximo de Mold: este texto, já na sua forma escrita do século XVI, conta que, numa colina, foi preservado o corpo de um nobre, com uma armadura de ouro, morto por um gigante (em galês *cawr*) por ter tentado entrar no seu reino subterrâneo. As escavações arqueológicas de 1833, nesse local, trouxeram à luz do dia o esqueleto de um homem que usava alguns braceletes de ouro (datados, segundo as análises mais recentes, de 900 a. C.) e duas pedras megalíticas pertencentes ao III milénio a. C. (cfr. Ross [2001: 90]). Esta descoberta parece confirmar que as lendas megalíticas da tradição oral nasceram na pré-história.

Um outro caso significativo é o do *Königsgrab* (Túmulo do Rei) de Seddin, em Mecklenburg-Vorpommern, onde uma lenda conta que o corpo do rei Hinz foi queimado e sepultado com a própria espada no interior da colina megalítica. As escavações do século XIX trouxeram à luz do dia uma câmara mortuária onde, dentro de um vaso de bronze, por sua vez guardado num vaso de argila, estavam contidas as cinzas de um homem, com os restos de uma espada ao lado (cfr. Kiekebusch [1928], Wüstemann [1966: 2]). Casos semelhantes são os de Bollenberg, próximo de Falkenwalde, Kreis Prenzlau em Brandenburg, de Dronninghoj, próximo de Schuby, em Schleswig-Holstein, e dos três túmulos em Peckatel, próximo de Schwerin: também nestes sítios as escavações confirmaram pormenores de antigos contos lendários (cfr. Holtorf 2000-2007: 15]).

4.3. *Relação entre as lendas e a função religiosa e astronómica dos megalitos*

As lendas relativas aos megalitos demonstram, a vários níveis, extraordinárias relações com as funções astronómicas destes monumentos.

Pode, por exemplo, citar-se a lenda de *Lurcu* (*A fola du Lurcu*) situada nos arredores do monte Revincu, na região de Nebbiu (Norte da Córsega). Segundo este conto, o gigante-pastor Lurco (isto é, «o ogre») vivia próximo da aldeia de Casta: a sua casa e a casa da sua mãe são

duas antas (datadas do IV milénio a. C.: cfr. Leandri-Démouche [1999]), separadas pelo planalto de *Cima de Suarella*, onde se encontram outras estruturas megalíticas de tipo rectangular e circular (datadas do IV milénio a. C.: cfr. *ibidem*). Conta-se que o gigante era muito sábio e poderoso: as pessoas da aldeia vizinha de Santu Petru di Tenda decidiram matá-lo e capturaram-no graças a uma armadilha montada perto de Bocca Pianosa, lugar onde Lurcu costumava ir beber. Para não ser morto, o gigante revelou os seus três segredos: 1) como preparar um queijo especial com leite de ovelha (denominado *brocciu*), 2) o que fazer com o resto do leite, uma vez preparado o queijo, e 3) como *legghje u cielu* («ler o céu») e, graças a isto, fazer uma longa viagem para longe da ilha. Porém, o gigante e a mãe foram mortos e sepultados num lugar entre Bocca Pianosa e Bocca Murellu, onde são ainda visíveis duas sepulturas megalíticas (datadas do IV milénio a. C.: cfr. Leandri [2000]; para uma análise da lenda no seu contexto megalítico, cfr. também Santucci *et al.* [2004]; para um enquadramento da Córsega sob a óptica da TCP, ver Alinei [2006], Benozzo [2008]).

O primeiro elemento a observar é a ligação da lenda com a vida dos pastores: existem, de facto, muitos outros elementos que associam a prática da pastorícia tradicional aos sítios megalíticos e que indicam uma continuidade de tipo pré-histórico. Por exemplo, na região corsa da Ciutulaghja (Appiettu), ainda hoje é utilizada a técnica da *investita*, que consiste em deixar os rebanhos andar em liberdade pelos caminhos criados ao longo dos tempos pelos próprios rebanhos. O território criado por esses limites virtuais (chamado no idioma local *rughionu*) coincide com áreas do megalitismo neolítico. Segundo uma hipótese recente, este itinerário «instintivo» pode ser visto como o resultado de uma reiterada prática da pastorícia que remonta, sem descontinuidade, aos costumes neolíticos (cfr. Lanfranchi [1991, 2000, 2002]). Também Cipoloni Sampò [1990: 130] salientou que, na Córsega, «os monumentos surgem [...] situados próximo das passagens, o que parece sugerir uma série de possíveis explicações funcionais, como, por exemplo, a de desempenharem o papel de marcadores de território, associados ritualmente a pontos-chave ou associados a actividades de subsistência como o fluxo de transumância dos rebanhos ligados à pastorícia». Por outro lado, a associação entre os megalitos e os itinerários de transumância é também relevante no território ibérico, onde, em duas impor-

tantes áreas megalíticas (cfr. Chapman [1959]), se situa em cerca de 6500 a. C. o aparecimento da pastorícia. Para além desta possível implicação, será difícil não identificar, na citada lenda corsa, uma explícita relação entre os sítios megalíticos e as referências do gigante ao conhecimento de tipo astronómico (o terceiro segredo que revela diz exactamente respeito à ligação entre as observações dos astros e as técnicas de navegação). Tal relação surge ainda mais plausível depois do estudo recentemente levado a efeito por uma equipa da Universidade da Córsega sobre a orientação dos megalitos do monte Revincu, segundo o qual

although we are dealing only with 7 monuments and eight orientations, it is most unlikely that their orientations would be so similar purely by chance, and the signature in azimuth must result from some astronomical intention on the part of the builders. [...] We can see that the azimuth are highly non random (from 68° to 130°) measures about 1/6th of a circle. Such a concentration of axes cannot have come about by chance. Furthermore the declination [...] show that all the eight orientations are in the correct range to face the rising sun or moon [...]. The seven megalithic sepulchres of the Nebbiu region [...] face roughly between north east and south east; more exactly between azimuth 68° and 130°, and declination between -25 1/2° and +17°. We already point out that the builders seems to orient these monuments for reasons of astronomy. Furthermore we can deduce that the Lurcu dolmen is faced the rising sun around midwinter sunrise while the Lurca dolmen is facing the rising of the sun about one month before or after the midsummer sunrise (Santucci et al. [2004: 525-526]; ver também Hoskin [1994]).

As relações entre a astronomia e o folclore megalítico são também observáveis em Gales. Na área de Aberystwyth (Ceredigion, Gales central) foi recolhida uma lenda sobre um gigante, chamado Cerdden, cujo corpo fazia parte originariamente de um círculo de pedras pertencente ao Neolítico (actualmente, apenas restam duas). A sua habilidade sobrenatural consistia na arte de construir barcos para navegar sem marinheiros e que lhe permitiam chegar a locais distantes da costa de Gales (cfr. Grooms [1993: 34]). Também, neste caso, o folclore parece identificar o sítio megalítico como centro de observação, medição e adivinhação do céu e, aqui, é igualmente importante salientar como, entre as numerosas

funções (sociais, funerárias, mágico-religiosas, cognitivas, simbólicas: cfr. Costa [1998: 244-249]), a astronomia pré-histórica deve ter desempenhado um papel decisivo no processo de cartografia e de orientação ligado às primitivas técnicas de navegação (cfr. Ruggles [1990]).

Também os sítios pré-históricos do Alentejo central (Portugal) foram estudados em relação às observações dos ciclos lunares:

it has long been noticed that most enclosures found in Central Alentejo are generally located at the top of a gentle slope facing east, and that a large menhir is regularly found close to the west top, slightly north of the axis of symmetry. A close inspection of several sites (Almendres, Vale Maria do Meio and Portela de Mogos) has revealed distinct internal features that, when observed from the large menhir, seem to lie in the appropriate direction of the average Spring Moon azimuth. Additionally, Almendres seems to have a clear corridor in the northern arm of the enclosure, which is oriented in the same direction and incorporates a truncated monolith. [...] A careful topographical survey has shown that the symmetry axis of the horseshoe points also in the direction of 98°, and therefore that the open arms seem to be intended to embrace the rising Spring Full Moon in the otherwise featureless horizon (Oliveira - da Silva [2006: 44]) [ver fig. 6].



Fig. 6 - A lua cheia surge directamente sobre o eixo de simetria do recinto megalítico do Vale d'el Rei (Pavia) (segundo Oliveira - da Silva [2006]).

A arte megalítica demonstra a importância da Lua no contexto mágico-religioso do Neolítico português (cfr. da Silva [2000], da Silva-Calado [2003a, 2003b]) e, em escavações recentes no sítio de Garvão (Idade do Ferro), foram descobertos objectos com a forma de crescente lunar (denominados *lúnulas*) (cfr. Beirão *et al.* [1985]). Sob um ponto de vista da continuidade, pode assinalar-se que estas lúnulas se encontram muitas vezes embutidas nas imagens da Virgem pertencentes à

Idade Média (recorde-se a representação de Nossa Senhora da Conceição que é sempre desenhada de pé, com um crescente atrás de si). Em Garvão, estes objectos em forma de crescente lunar são ainda hoje utilizados como amuletos para invocar a protecção da Santa Luzia. A arte neolítica da Lapa dos Gaiões (Arronches) parece possuir também significado lunar: «although the anthropomorphic and serpent images are predominant, there is a group of marks that seem to represent a tally. A detailed examination shows four rows of seven individual linear marks, as if to represent the full cycle of the Moon with its four phases of approximately seven days each» (Oliveira-da Silva [2006: 45]). Este contexto astronómico tem sido observado em quase todos os sítios megalíticos portugueses: podem recordar-se, entre outros, os megalitos entre São Sebastião e Évora, e entre Évora e Castelo, onde se pode ver uma orientação Nordeste-Sudoeste. Trata-se exactamente da secção do céu em que surge a Lua em quarto crescente: «these elevations simultaneously coincide with the limits of the rising and setting of the sun and the moon in the north» (Alvim [1996-1997: 21]). Os complexos megalíticos do Alentejo central são actualmente estudados como alinhamentos relacionados com os ciclos da Lua cheia (cfr. Hoskin - Calado [1998], da Silva [2004]) [ver Fig. 7].

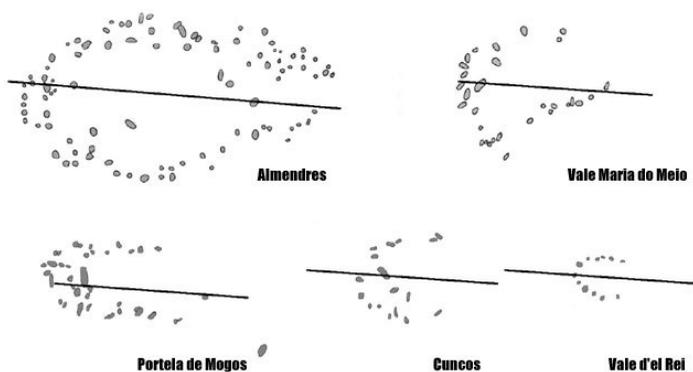


Fig. 7 - Perspectiva das orientações dos principais círculos megalíticos do Alentejo central, segundo o ciclo da Lua cheia (segundo da Silva-Calado [2003b]).

Assim, nestes mesmos sítios em que os arqueólogos reconheceram uma orientação dos complexos megalíticos segundo os ciclos solares e lunares e como uma possível consequência de representações simbólicas de morte e ressurreição ligada aos ciclos equinociais («it seems possible to recognise a local cultural practice, or celebration, of the equinox, by a prehistoric society conscious of the celestial order»: Oliveira-da Silva [2006: 46]), as lendas locais falam de gigantes, sepultados nas colinas megalíticas, capazes de ressuscitar. É este o caso do gigante de São Sebastião que, depois de ter sido morto por navegantes vindos do Atlântico e de ter sido sepultado sob a pedra megalítica mais alta do local, renasce e se torna defensor da costa contra as incursões de piratas (cfr. Pedroso [1882: 55]).

A associação das pedras megalíticas com o renascimento e a fertilidade relaciona-se, sem dúvida, com a origem de numerosos cultos das pedras, especialmente bem documentados em território francês:

In Eure-et-Loir the young women who desired to have children rubbed their abdomens against a rough place in the Pierre de Chantecoq. This stone had [...] the power of obtaining husbands for them. The women of the neighbourhood of Simandre (Ain) accomplished the same object to the menhir erected there. At St Ronan (Finistère) the young married people a few year since [...] came and rubbed their abdomens against the Jument de Pierre, a colossal megalithic stone standing in the middle of a moor [...]. To be confined "every seven months" the women went to render the same homage to the Pierre Longue, near Dax, in Landes. About the middle of nineteenth century, the women of the country of Luchon, in order to be fruitful, rubbed themselves against a menhir on the mountain of Bourg d'Oueil and they embraced it with fervour. Several of these blocks had the reputation of causing women to be fruitful (McGuire [1902: 83-84]).

Esfregar-se contra as pedras não era só eficaz para propiciar fertilidade: as pedras megalíticas podiam também ser utilizadas para recuperar energias e para curar certas doenças (cfr. McGuire [1902: 85]).

Na crença de que as pedras localizadas próximo dos megalitos poderiam crescer, virar-se e andar pode reconhecer-se a própria ideia de fertilidade, associada de modo ainda mais claro às funções astronómicas dos megalitos: tal acontecia nas datas dos solstícios de Inverno e

de Verão (cfr. IMF [1963: 104, 1967: 317, 1974: 217, 1977: 247, 1980: 247, 1995: 120]. A propósito, pode assinalar-se que uma mesma reutilização das funções simbólico-propiciatórias dos megalitos ressalta claramente, na Galiza, ao longo de toda a sua história mais recente – da Idade Média até hoje. Como salientou Marcos Martinón-Torres, que se dedicou a este tema em numerosas pesquisas (cfr. Martinón-Torres [2001a, 2001b, 2002], Martinón-Torres - Rodríguez Casal [2000]),

it can be assumed that monuments were already playing a symbiotic role during the first centuries of the Middle Ages. In the medieval ecclesiastical councils of Arles (443-452), Tours (567), Nantes (658) and Toledo (681 and 693), claims are raised against heretical pagan rituals and cults of stones [...] I suppose that the cults of stones and other rituals would often take place at 'special features' in the landscape such as striking rock outcrops or ancient stone construction – as still happens nowadays (Martinón-Torres [2006: 45]).

O facto de os megalitos terem tido uma função primária de tipo cosmológico é confirmado pela tendência, verificada na maior parte destes complexos arquitectónicos, para originarem grupos inter-relacionados que, por sua vez, descrevem um microcosmo (cfr. por exemplo as observações de Richards [1996]). E a sua profunda relação com o mundo dos mortos – em relação ao qual, em muitos casos, parecem representar uma fronteira, uma demarcação, uma entrada visível – ressalta, com evidência, na sua reutilização, durante muitos séculos, enquanto sepulcros: em Mecklenburg-Vorpommern, por exemplo, «people associated with the partly contemporary «to TRB culture» Kugelamphoren (Globular Amphora) culture (c. 3100-2700 BC) frequently removed previous skeletons and demolished older grave goods in order to create room for their own burials» (Holtorf [1998: 25]). Caso semelhante é a reutilização dos megalitos neolíticos de Fourknocks (Co. Meath, Irlanda) para sepulturas infantis, datadas do Bronze (cfr. Finlay [2000]). É também aqui que deve verificar-se uma relação entre a arqueologia e o folclore: existem, de facto, numerosos contos populares relativos a crianças mortas, *change-lings*, e homicídios infantis nos contos de Meath (cfr. O'Connor [1991]), e trata-se de lendas muitas vezes associadas a sítios megalíticos, onde as escavações trouxeram à luz do dia sepulturas infantis pré-históricas

e proto-históricas. Seguindo sempre um ponto de vista da continuidade ininterrupta da pré-história, não é por acaso que os lugares rituais do megalitismo neolítico foram utilizados e considerados como locais de culto, quer no advento do cristianismo, quer pelo próprio cristianismo; entre os vários exemplos que poderiam citar-se, recorde-se o sítio galês de Ysbyty Cynfyn, em Ceredigion, onde os muros de uma igreja medieval tardia foram construídos entre as pedras do recinto megalítico neolítico, dando vida a uma espécie de «círculo megalítico cristianizado» (cfr. Ross [2001: 92]) [ver fig. 8].



Fig. 8 - Uma das pedras megalíticas incrustada no muro da igreja de Ysbyty Cynfyn [fotografia de F. Benozzo].

5. *Para uma estratigrafia da lenda e dos nomes ligados aos megalitos: a nova «seaward perspective» e a sua importância para a TCP*

Temos insistido no facto de as funções astronómicas da arquitectura megalítica pré-histórica estarem estreitamente ligadas às técnicas de orientação e navegação. Como escreve Barry Cunliffe:

the astronomical knowledge embedded in the construction of at least some of the megalithic monuments is no more than might have been expected of people rooted in a tradition of sea travel, who used their close observation of the heavens to help them navigate and daily experienced the disappearance of the sun on the western ocean. That this highly specialist knowledge was given architectural form might in some way reflect the claim of the elite to have a spiritual relationship with the celestial power who controlled the rhythm of the world (Cunliffe [2001: 558]).

Associado a isto, segundo a TCP, é interessante sublinhar a presença de lendas cuja motivação só pode ser compreendida no quadro de uma comunidade de pescadores. Para além de referências muito explícitas à arte mágica da navegação de gigantes, presentes nas lendas portuguesas, irlandesas, galesas, escocesas e corsas, é relevante assinalar que estas mesmas características são frequentes nos nomes dialectais e no folclore dos megalitos da França central, um território (originariamente céltico) aparentemente distante do mundo dos pescadores. Limitamo-nos a mencionar os nomes dialectais como *La pierre du géant pêcheur* (Saint-Antoine-du-Rocher, Indre-et-Loire: cfr. IMF [1967: 125]), *La pierre de la mer* (Vaudancourt, Paris: cfr. IMF [1975: 369]), ou *La tombe du pêcheur* (cfr. IMF [1977: 248]) e *Le pêcheur mort* (cfr. IMF [1977: 247]); entre as lendas, pode recordar-se, por exemplo, a referente ao megalito de Saint-Hilaire-la-Gravelle (Loir-et-Cher), segundo a qual este foi construído por um gigante chamado Le Grand Pêcheur (cfr. IMF [1974: 219]).

Sob o ponto de vista motivacional, a única explicação possível é que esta lenda e estes nomes ligados a um ambiente marítimo são os originários. Assim, a TCP relaciona-os facilmente como sendo herança da comunidade dos pescadores mesolíticos do Atlântico, que transitavam na costa, de Portugal ao Ebro, ou seja, os construtores dos primeiros megalitos. A propósito, deve recordar-se que esta visão de uma densa área atlântica pré-histórica é ainda confirmada pela mais recente pesquisa genética, que demonstra que o tipo genético dos habitantes da Península Ibérica norte-ocidental é o mesmo dos Irlandeses, dos GaleSES e dos habitantes da Cornualha, remontando ao Paleolítico (cfr. Sykes [2006: 162]): o nome que os genetistas deram, sem ser por acaso, a este *marker* é «Atlantic Modal Haplotype» (Sykes [2006: 162, 239, 293]; cfr. Também Morais [2008]).

As investigações que Tim Phillips dedicou às ilhas Órcades estão, em nossa opinião, entre os melhores contributos dos últimos anos sobre o fenómeno megalítico. Segundo a sua interpretação, o *land-based approach* encontrado na maior parte dos estudos sobre o megalitismo é limitativo e enganador. As escavações mais recentes têm, de facto, demonstrado que, pelo contrário, a maior parte dos megalitos está situada em pontos da costa que defrontam vastas áreas de território ocupado pela água (cfr. Woodman [2000]). A vista para o mar a partir

destes monumentos parece ser mais importante do que a vista para a terra firme, e os investigadores deveriam esforçar-se por considerar crucial este facto, na sua interpretação do fenómeno:

many of the chambered cairns of Orkney were located to be visible from the sea, often occupying critical points along the coastline. Indeed, locations on headlands and tidal islands echo the siting of many coastal megaliths in Brittany [...]. They could mark the 'ownership' of fishing grounds, as suggested by Clark in southern Sweden. The monuments may have represented symbolic markers of the physical and conceptual boundary between the sea and the land [...], the dead being disposed of on the edge of the land and backed by the sea [...]. They could be part of a cosmology signifying ancestral memories of an earlier period when the resources of the sea were exploited to a much greater extent (cfr. Phillips [2003: 380]; gli studi menzionati sono Clark [1977], Scarre [2002a: 26, 2002b: 84], Cummings - Fowler [2003]).

As provas da existência de uma estreita relação com o mar são constituídas pelos restos de espinhas de bacalhau e de mamíferos marinhos encontrados na maior parte dos *cairns* (cfr. Phillips [2003: 380]). Comentando o artigo de Phillips, Gabriel Cooney sublinha que os megalitos «are often named and given ancestral significance and are used in defining and orally recounting lineage histories and rights of ownership. This gives us a good sense of people being at home on the sea and seeing it as a habitually used and important activity area» (Cooney [2003: 325]). Embora o *case study* de Phillips seja representado pelo megalitismo das Órcades, pode verificar-se facilmente a justeza e a fecundidade das suas conclusões para a maior parte da área megalítica mais arcaica (cfr. supra, § 3.2, tal como Cummings [2002], Cummings - Fowler [2003]).

Sob este ponto de vista, é importante considerar, na Galiza, a presença de uma indiscutível continuidade entre os megalitos neolíticos e os *fachos* medievais tardios (isto é, torres de pedra, de pequenas dimensões, construídas para avistamento de costa e como locais de envio sinais nocturnos aos pescadores [o nome vem do latim *FASCULA, variante de *facula*, «tocha pequena») e os actuais *faros* (faróis). Um exemplo flagrante é o Facho de Donón (Cangas do Morrazo, Pontevedra) onde, no mesmo local, se observam ainda restos megalíticos, ruínas de um santuário do Bronze Final e um *facho* pós-medieval (v. Fig. 9).



Fig. 9. Restos pré-históricos, proto-históricos e pós-medievais no Facho de Donón [fotografia de F. Benozzo].

Novamente, esta continuidade emerge nas lendas, como, por exemplo, na recentemente recolhida no Bajo Miño por Enrique Couceiro. Aqui, na verdade, encontramos uma referência ao facto de o costume de acender fogos ao longo das costas remonta aos *mouros*, isto é, como tínhamos dito, aos construtores míticos, primitivos habitantes dos megalitos:

Los *mouros* vivían en lo alto de los montes, y cuando venía el enemigo se avisaban de un monte a otro; por ejemplo, avisaban desde el monte Santa Tecla [...] al de San Xulián [...], y desde allí pasaban aviso aquí, al monte Faro de Entienza, y al Castelo [...], y también al Faro de Portugal [...]. Y así estaban preparados para cuando viniera el enemigo. Para pasarse el aviso encendían fachos en lo alto de los montes; nosotros llamamos fachos así, a los fuegos, a las hogueras. Por eso son Faros, porque desde ellos se avisaban (Couceiro [2008: 12]).

A nossa interpretação sobre a origem do megalitismo, entendido como inovação dos pescadores célticos do Mesolítico atlântico, mais tarde difundido nas comunidades de cultivadores neolíticos (um processo semelhante ao que trouxe a difusão e a «tradução» das técnicas e palavras pertencentes à ideologia dos povos pescadores na comunidade agrícola da Europa, facilmente verificável, por exemplo, através da terminologia dialectal do arado: cfr Alinei [1996-2000: II, 893-897], Benozzo [2007b]), é corroborada pela análise do folclore megalítico e conduz às mesmas conclusões a que chega Tim Phillips, por outra via: a importância do mar para compreender o fenómeno megalítico é crucial e deve ser aprofundada (alguns novos dados vindos à luz após a feitura deste contributo, que associam os nomes dialectais às técnicas

de transporte das pedras megalíticas, encontram-se agora ilustrados em Benozzo [2008g]).

Em síntese, a *cumulative evidence* de tipo etnoarqueológico, etnolinguístico e etnofilológico parece indicar a necessidade de reconsiderar todo o problema do megalitismo europeu sob uma perspectiva mesolítica, atlântica, céltica e continuísta*.

* Os autores deste estudo especificam que, embora este tenha sido concebido em conjunto e no âmbito de uma visão idêntica da pré-história linguística e cultural da Europa, são de Mário Alinei os parágrafos 1, 2 [2.1, 2.2] e 3 [3.1, 3.2, 3.3, 3.4, 3.5] e de Francesco Benozzo os parágrafos 4 [4.1, 4.2, 4.3] e 5.

Referências Bibliográficas

Alinei, M. [1984], *Dal totemismo al cristianesimo popolare. Sviluppo semantici nei dialetti europei*, Alessandria, Edizioni dell'Orso.

– [1985], *Evidence of Totemism in European Dialects*, «International Journal of American Linguistics», 51, pp. 331-334.

– [1988], *Slavic “baba” and other ‘old women’ in European Dialects. A Semantic Comparison*, in *Wokół języka. Rozprawy i studia poświęcone pamięci profesora M. Szymczaka*, Wrocław, Ossolineum, pp. 41-51.

– [1996-2000], *Origini delle lingue d'Europa*, 2 voll. Bologna, il Mulino.

– [2001], *European Dialects: A Window on the Prehistory of Europe*, «Lingua e Stile» 36, pp. 219-240;

– [2003], *The Paleolithic Continuity Theory on Indo-European Origins: An Introduction*, «Studi celtici» 2, pp. 13-41; *on line* su <www.continuitas.com>.

– [2004a], *The Problem of Dating in Linguistics*, «Quaderni di Semantica» 25, pp. 211-232; *on line* em «www.continuitas.com».

– [2004b], *The Celtic Origin of Lat. “rota” and its Implications for the Prehistory of Europe*, «Studi celtici» 3, pp. 13-29; *on line* em «www.continuitas.com».

– [2006], *Le conseguenze per la linguistica corsa delle nuove teorie sulle origini delle lingue indoeuropee*, «Rivista Italiana di Dialettologia» 30, pp. 139-171; *on line* em «www.continuitas.com».

Alinei, M.-Benozzo, F. [2006], *L'area galiziana nella preistoria celtica d'Europa*, «Studi celtici» 6, pp. 13-62; *on line* em «www.continuitas.com».

– [2007], *A área galega na preistoria lingüística e cultural de Europa*, «A Trabe de Ouro» 18, pp. 333-359; *on line* em «www.continuitas.com».

- [2008a], *Alguns Aspectos da Teoria da Continuidade Paleolítica Aplicada à Região Galega*, Lisboa, Apenas Livros.
- [2008b], *Megalithism as a Manifestation of an Atlantic Celtic Primacy in Meso-Neolithic Europe*, «*Studi celtici*» 6, pp. 13-74.
- Alonso Romero, F. [1998], *Las mouras constructoras de megalitos: estudio comparativo del folclore gallego con el de otras comunidades europeas*, «*Anuario Brigantino*» 21, pp. 11-28.
- Alvim, P. [1996-1997], *Sobre Alguns Vestígios de Paleoastronomia no Cromeleque dos Almendres*, «*Évora*» 2, pp. 5-23.
- Aparicio Casado, B. [1999], *Mouras, serpientes, tesoros y otros encantos. Mitología popular gallega*, Sada, Edicións do Castro.
- Arias, P. - Armendariz, A. - Teira L.C. [2006], *The Megalithic Complex in Cantabrian Spain*, in Rodríguez Casal [2006a], pp. 11-29.
- Atkinson, R.J.C. [1979], *Stonehenge: Archaeology and Interpretation*, New York, Penguin.
- Barandiaran, M. de [1949], *Rapports entre la toponymie et l'archéologie au Pays Basque*, in *Actas y Memorias del Tercer Congreso Internacional de Toponymie et d'Anthroponymie*, Bruxelles, pp. 137-142.
- [1958], *Toponymes inspirés par la mythologie basque*, in *Actes et Mémoires du Cinquième Congrès International de Sciences Onomastiques*, Salamanca, pp. 222-227.
- Bartsch, K. [1879], *Sagen, Märchen und Gebräuche aus Mecklenburg*, Wien, Braumüller [rist. Hildesheim-New York, Georg Olms, 1978].
- Beirão, C. et al. [1985], *Depósito Votivo da II Idade do Ferro de Garvão*, «*O Arqueólogo Português*» 4, pp. 45-136.
- Benozzo, F. [2003], *Recensione di Cunliffe [2001]*, «*Studi celtici*» 1, pp. 253-258.
- [2006], *Un reperto lessicale di epoca preistorica: emiliano occidentale "tròl", galego "trollo" 'rastrello per le braci'*, «*Quaderni di Filologia Romanza*» 19, pp. 217-221; on line em «www.continuitas.com».
- [2007a], *La tradizione smarrita. Le origini non scritte delle letterature romanze*, Roma, Viella.
- [2007b], *La flora, la fauna, il paesaggio: l'importanza dei nomi dialettali per la conoscenza del passato preistorico*, in *Dizionario del dialetto di San Cesario sul Panaro*, a cura di F. Benozzo, vol. II, *La vita nei campi: fauna, flora, attività agricole*, San Cesario sul Panaro, Amministrazione Comunale, pp. 7-39; on line em «www.continuitas.com».
- [2007c], *Etnofilologia*, «*Ecdotica*» 4, pp. 208-230; on line em «www.continuitas.com».
- [2007d], *Radici celtiche tardo-neolitiche della cavalleria medievale*, «*Quaderni di Semantica*» 28, pp. 461-486; on line em «www.continuitas.com».
- [2008a], *Names and Legends of European Megaliths: Evidence of an Ethnolinguistic Continuity from Prehistory*, conferenza tenuta al «6th World

Archaeological Congress» (Dublin, 29th June - 4th July 2008).

– [2008b], *Lepri che volano, carri miracolosi, padelle come tamburi: una tradizione etnolinguistica preistorica in area emiliana*, «Quaderni di Semantica» 29, pp. 165-184; on line em «www.continuitas.com».

– [2008c], *The Role of Prehistory in the Invention of National Identities: Megalithic Sites and Romantic Imagination*, comunicazione tenuta all'«International Congress of the North American Society for the Study of Romanticism»: (Trans)national Identities / Reimagining Communities (Bologna, 12-15 March 2008).

– [2008d], *Raíces celtas tardo-neolíticas da cabalería medieval*, «A Trabe de Ouro» 19, pp. 39-61.

– [2008e], *Recensione di Rodriguez Casal [2006a]*, «Studi celtici» 6.

– [2008f], *Recensione di Hendreson [2007]*, «Studi celtici» 6.

– [2008g], *Un nuovo ritrovamento lessicale preistorico in area atlantica: portoghese “ventrecurgo” ‘pietra megalitica’, ‘ventre della barca’*, «Quaderni di Filologia Romanza» 21, no prelo.

– [2008h], *Sciamani e lamentatrici funebri. Una nuova ipotesi sulle origini del pianto rituale*, in F. Mosetti Casaretto (ed.), *Lachrymae. Mito e metafora del pianto nel Medioevo*, Alessandria, Edizioni dell'Orso, in stampa; on line em «www.continuitas.com».

– [2008i], *Il poeta-guaritore nei dialetti d'Europa*, in S.M. Barillari (ed.), *La medicina magica. Segni e parole per guarire*, Alessandria, Edizioni dell'Orso, pp. 45-55; on line em «www.continuitas.com».

– [2008j], *Nuove frontiere della ricerca toponomastica (parte seconda). A proposito di una recente inchiesta sui nomi di luogo della Corsica*, «Quaderni di Semantica» 29, pp. 457-463.

– [em prep. a], *Back to the Hidden Cave. Ethnophilology of the European Tradition*, Roma, Viella.

– [em prep. b], *Etnofilologia. Lo studio dei testi come scienza sociale*.

Bhreatnach, E. [2006], *Bóand/Bóinn/Boyne*, in Koch [2006], vol. I, pp. 217-218.

Bradley, R. [1989], *Deaths and Entrances: A Contextual Analysis of Megalithic Art*, «Current Anthropology» 30, pp. 68-75.

– [2007], *The Prehistory of Britain and Ireland*, Cambridge, Cambridge University Press.

Burrow, S. [1997], *The Neolithic Culture of the Isle of Man. A Study of the Sites and Pottery*, Oxford, British Archaeological Reports.

Caprini, R. [1998], *Animali totemici: l'esperienza di* «Quaderni di Semantica», «L'immagine riflessa» 7, pp. 221-236.

Carey, J. [2006], *Tuath Dé*, in Koch [2006], vol. V, pp. 1693-1696.

Cesari, J. [1985], *Les dolmens de Corse*, «Archeologia» 205, pp. 32-45.

Chapman, R.W. [1979], *Transhumance and Megalithic Tombs in Iberia*, «Antiquity» 53, pp. 150-152.

- Childe, G. [1857], *The Dawn of European Civilization*, London, Routledge & Kegan Paul [quarta edição].
- Cipolloni Sampò, M. [1990], *Dolmen. Architetture preistoriche in Europa*, Roma, De Luca Edizioni d'Arte, 1990.
- Clark, G. [1945], *The Prehistory of the Isle of Man*, «The Prehistoric Society» 2, pp. 70-92.
- Clark, J.G.D. [1977], *The Economic Context of Dolmens and Passage-graves in Sweden*, in V. Markotic (org.), *Ancient Europe and the Mediterranean: Studies Presented in Honour of Hugh Hencken*, Warminster, Aris & Phillips, 1977, pp. 35-49.
- Coles, J.M. - Harding, A.F. [1979], *The Bronze Age in Europe. An Introduction to the Prehistory of Europe, c. 2000-700 BC*, London, Methuen & Co Ltd.
- Cooney, G. [2003], *Seeing Land from the Sea*, «World Archaeology» 35, pp. 323-328.
- Costa, G. [1998], *Le origini della lingua poetica indeuropea. Voce, coscienza e transizione neolitica*, Firenze, Olschki.
- [2002], *Note linguistico-culturali in margine a un testo implicito: l'iscrizione paleoitalica da Tortora e l'area italice*, «Quaderni di Semantica» 24, pp. 229-277.
- Couceiro, E. [2008], *El palimpsesto montaraz. Imaginarios y prácticas en torno al monte en Galicia*, «Revista de Antropología Experimental» 8, pp. 1-28.
- Cummings, V. [2002], *Between Mountains and Sea: A Reconsideration of the Neolithic Monuments of South-West Scotland*, «Proceedings of the Prehistoric Society» 68, pp. 125-146.
- Cummings, V. - Fowler, C. [2003], *Places of Transformation: Building Monuments from Water and Stone in the Neolithic of the Irish Sea*, «Journal of the Royal Antiquarian Institute» 9, pp. 1-20.
- Cunliffe, B. [2001], *Facing the Ocean. The Atlantic and its Peoples (8000 BC-AD 1500)*, Oxford, Oxford University Press.
- Daniel, G. [1963], *The Megalith Builders of Western Europe*, Harmondsworth, Penguin.
- Da Silva, C.M. [2000], *Sobre o Possível Significado Astronómico do Cromleque dos Almendres*, «A Cidade de Évora» 2, pp. 109-127.
- [2004], *The Spring Full Moon*, «Journal for the History of Astronomy» 35, pp. 475-478.
- Da Silva, C.M. - Calado, M., [2003a] *New Astronomically Significant Directions of Megalithic Monuments in the Central Alentejo*, «Journal of Iberian Archaeology» 5, pp. 67-88.
- [2003b], *Monumentos Megalíticos Lunares no Alentejo Central*, in M. Calado (org.), *Sinais da Pedra. Actas do 1º Colóquio Internacional sobre Megalitismo e Arte Ruprestre na Europa Atlântica*, Évora, Fundação Eugénio de Almeida, 2003.
- De Guerin, T.W.M. [1922], *List of Dolmens, Menhirs and Sacred Rocks, Compiled*

- from *Guernsey Place-Names, with Legends & c.*, «Report and Transactions. Société Guernesiaise» 9, pp. 30-64.
- Deppe, H.-J. [1983-1984], *Die 'Heistersteine' bei Waren*, «Carolinum: historisch-literarische Zeitschrift» 74, pp. 7-34.
- Dunbavin, P. [1998], *Picts and Ancient Britons. An Exploration of Pictish Origins*, Long Eaton, The Third Millenium Publishing.
- Filip, J. [1977], *Celtic Civilization and Its Heritage*, Prague-Wellingborough, Colet's-Academia.
- Finlay, N. [2000], *Outside of Life: Traditions of Infant Burial in Ireland from Cillin to Cist*, «World Archaeology» 31, pp. 407-422.
- Gamble, C. [1986], *The Palaeolithic Settlement of Europe*, Cambridge, Cambridge University Press.
- Gelling, P.S. [1972], *The Hill-Fort on South Barrule and Its Position in the Manx Iron Age*, in F. Lynch - C. Burgess (eds.), *Prehistoric Man in Wales and the West. Essays in Honour of Lily F. Chitty*, Bath, Adams & Dart, pp. 285-292.
- Gennepp. A. van [1917], *La formation des légendes*, Paris, Flammarion.
- Giot, P.-R. - L'Helgouac'h, J. - Monnier, J.-L. [1998], *Préhistoire de la Bretagne*, Rennes, Éditions Ouest-France.
- Green, M.J. [1977], *Dictionary of Celtic Myth and Legend*, London, Thames & Hudson.
- Grooms, C. [1993], *The Giants of Wales*, Lampeter, The Edwin Mellen Press.
- Haas, A. [1925], *Burgwälle und Hüengräber der Insel Rügen in der Volkssage*, Stettin, A. Schuster.
- Harbison, P. [1988], *Pre-Christian Ireland. From the First Settlers to the Early Celts*, London, Thames & Hudson.
- Henderson, J.C. [2007], *The Atlantic Iron Age. Settlement and Identity in the First Millennium BC*, London - New York, Routledge.
- Hibbs, J. [1983], *The Neolithic of Brittany*, in C. Scarre (org.), *Ancient France. Neolithic Societies and their Landscape, 6000-2000 BC*, Edinburgh, Edinburgh University Press, pp. 271-323.
- Holtorf, C.J. [1998], *The Life-Histories of Megaliths in Mecklenburg-Vorpommern (Germany)*, «World Archaeology» 30, pp. 23-38.
- [2000-2007], *Monumental Past: The Life-Histories of Megalithic Monuments in Mecklenburg-Vorpommern (Germany)*, University of Toronto, Centre for Instructional Technology Development; on line em «<https://tspace.library.utoronto.ca/citd/holtorf/index.html>».
- Hoskin, M. et al. [1994], *Orientations of Corsican Dolmens*, «Journal for the History of Astronomy» 35, pp. 313-317.
- Hoskin, M. - Calado, M. [23], *Orientation of Iberian Tombs: Central Alentejo Region of Portugal*, «Archaeoastronomy» 33, pp. 77-82.
- Howell, J. [1983], *The Late Neolithic of the Paris Basin*, in C. Scarre (ed.), *Ancient*

France. *Neolithic Societies and their Landscape, 6000-2000 BC*, Edinburgh, Edinburgh University Press, pp. 62-90.

IMF [1963]: *Inventaire des mégalithes de la France*, vol. I: *Indre-et-Loire*, ed. G. Cordier, Paris, Centre National de la Recherche Scientifique.

– [1967]: vol. II: *Maine-et-Loire*, ed. M. Gruet, Paris, Centre National de la Recherche Scientifique.

– [1974]: vol. III: *Loir-et-Cher*, ed. J. Despriée - C. Leymarios, Centre National de la Recherche Scientifique.

– [1975]: vol. IV: *Région parisienne*, ed. J. Peek, Paris, Centre National de la Recherche Scientifique.

– [1977]: vol. V: *Lot*, ed. J. Clottes, Paris, Centre National de la Recherche Scientifique.

– [1980]: vol. VI: *Deux-Sèvres*, ed. G. Germond, Paris, Centre National de la Recherche Scientifique.

– [1983a]: vol. VII: *Aveyron*, ed. J. Clottes - C. Maurand, Paris, Centre National de la Recherche Scientifique.

– [1983b]: vol. VIII: *Puy-de-Dôme*, ed. S. Amblard, Paris, Centre National de la Recherche Scientifique.

– [1995]: vol. IX: *Gironde*, ed. M. Devignes, Paris, Centre National de la Recherche Scientifique.

Kiekebusch, A. [1928], *Das Königsgrab von Seddin*, Augsburg, Filser.

Kinvig, H.R. [1975], *The Isle of Man. A Social, Cultural, and Political History*, Liverpool, Liverpool University Press.

Koch, J.T. [1986], *New Thoughts on Albion, Ierne, and the "Pretanic" Isles*, «Proceedings of the Harvard Celtic Colloquium» 6-7, pp. 1-28.

– [1991], *Ériu, Alba, and Letha: When was a Language Ancestral to Gaelic First Spoken in Ireland?*, «Emania» 9, pp. 17-27.

– [2006] (ed.), *Celtic Culture. A Historical Encyclopedia*, 5 vols., Oxford, ABC CLIO Publications.

– [2007], *An Atlas for Celtic Studies. Archaeology and Names in Ancient Europe and Early Medieval Ireland, Britain, and Brittany* (in collaboration with R. Karl - A. Minard - S. Ó Faoláin), Oxford, Oxbow Books.

Lacaille, A.D. [1954], *The Stone Age in Scotland*, London-New York-Toronto, Oxford University Press.

Lanfranchi, F. de [1991], *Relations entre l'espace pastoral corse et la répartition des sites préhistoriques*, in *Archeologia della pastorizia nell'Europa meridionale (Chiavari 22-24 settembre 1989)*, Alvi, Bordighera, pp. 121-135.

– [2000], *Le secret des mégalithes*, Ajaccio, Albiana.

– [2002], *Mégalithes et sociétés préhistoriques: concepts et terminologie*, «L'Anthropologie» 56, pp. 295-326.

Lanfranchi, F. de - Costa, L. [2000], *Nouvelles données et hypothèses relatives à la*

connaissance du Mégalithisme de Corse (l'exemple de Poghjareda), «L'Anthropologie» 54, pp. 549-567.

Leandri, F. [2000], *Les mégalithes de Corse*, Paris, Editions Jean-Paul Gisserot.

Leandri, F. - Démouche, F. [1999], *Les mégalithes du Monte Revincu*, «Archeologia» 358, pp. 32-41.

Lehmkuhl, U. - Nagel, E. [1991], *Ein neolithischer Kultplatz in Falkenwalde, Kreis Prenzlau*, «Bodendenkmalpflege in Mecklenburg» 13, pp. 7-51.

Lema Suárez, X.L. [2006], *Polas, antas e mámoas da Costa da Morte (Galicia)*, Vimianzo, Seminario de Estudios Comarcais.

Leroi-Gourhan, A. [1988] (ed.), *Dictionnaire de la Préhistoire*, Paris, PUF.

L'Helgouac'h, J. [1996], *I megaliti d'Europa*, in J. Guilaine - S. Settis (orgs.), *Storia d'Europa*, vol. II, *Preistoria e antichità*, tomo I, Torino, Einaudi, pp. 213-248.

Lisch, G.C.F. [1937], *Andeutungen über die altgermanischen und slavischen Grabalterthümer Meklenburgs und die norddeutschen Grabalterthümer aus der vorchristlichen Zeit überhaupt*,

«Jahresbericht des Vereins für mecklenburgische Geschichte und Alterthumskunde» 2, pp. 132-148.

Martinón-Torres, M. [2001a], *Los megalitos de término. Crónica del valor territorial de los monumentos megalíticos a partir de las fuentes escritas*, «Trabajos de Prehistoria» 58, pp. 95-108

— [2001b], *Os monumentos megalíticos despois do megalitismo. Arqueoloxia e historia dos megalitos galegos a través das fontes escritas (s. VI - s. XIX)*, Valga, Concello de Valga.

— [2002], *Defying God and the King: A 17th-Century Gold Rush for 'Megalithic Treasure'*, «Public Archaeology» 2, pp. 220-235.

— [2006], *On the Life-Histories of Megaliths in Northwest Iberia*, in Rodríguez Casal [2006a], pp. 43-51.

Martinón-Torres, M. - Rodríguez Casal, A. [2000], *Aspectos historiográficos del megalitismo gallego: de la documentación medieval al siglo XIX*, in *Actas do III Congreso de Arqueología Peninsular*, vol. III, *Neolitización e Megalitismo da Península Ibérica*, ed. V. Oliveira Jorge, Porto, ADECAP, pp. 303-319.

McGuire, J.D. [1902], *The Cult of Stones in France*, «American Anthropologist» 4, pp. 76-107.

Midgley, M. [1992], *TRB Culture. The First Farmers of the North European Plain*, Edinburgh, Edinburgh University Press.

Morais, G. [2008], *A Genética e a Teoria da Continuidade Paleolítica Aplicadas à «Lenda da Fundação de Portugal, Irlanda e Escócia»*, Lisboa, Apenas Livros.

Newman, C. [1997], *Tara. An Archaeological Survey*, Dublin, Royal Irish Academy.

O'Connor, A. [1991], *Women in Irish Folklore: The Testimony Regarding Illegitimacy, Abortion and Infanticide*, in M. MacCurtain - M. O'Dowd (eds.),

- Women in Early Modern Ireland, Edinburgh, Edinburgh University Press, pp. 304-317.
- Ohlhaver, H. [1937], *Großsteingräber und Grabhügel in Glauben und Brauch*, «Mannus» 29, pp. 192-255.
- Oliveira, C. - Da Silva, C.M. [2006], *Moon, Spring and Large Stones: Landscape and Ritual Calendar Perception and Symbolization*, in *UISPP Congress Session: Monumental Questions: Prehistoric Megaliths, Mounds, and Enclosures* (Lisbon, 4-9 September 2006); on line em «www.crookscape.org».
- Pedroso, C. [1882], *Portuguese Folk-Tales*, New York, Folk Lore Society Publications [rist. New York, Benjamin Blom Inc., 1969].
- Phillips, T. [2003], *Seascapes and Landscapes in Orkney and Northern Scotland*, «World Archaeology» 35, pp. 371-384
- Powell, T.G.E. [1980], *The Celts*, London, Thames & Hudson.
- Renfrew, C. [1973], *Before Civilization. The Radio-carbon Revolution and Prehistoric Europe*, Harmondsworth, Penguin Books, 1973 [trad. it., *L'Europa della Preistoria*, Roma - Bari, Laterza, 1987].
- [1987], *Archaeology and Language. The Puzzle of Indo-European Origins*, London, J. Cape, 1987 [trad. it, *Archeologia e linguaggio*, Roma - Bari, Laterza, 1999].
- Richards, C. [1996], *Monuments as Landscape: Creating the Centre of the World in the Late Neolithic Orkney*, «World Archaeology» 28, pp. 190-208.
- Rodríguez Casal A.A. [1990], *O Megalitismo. A primeira arquitectura monumental de Galicia*, Santiago de Compostela, Universidade de Santiago de Compostela.
- [1991], *El megalitismo gallego: la documentación arqueográfica*, in *Galicia. Historia*, vol. III, *Prehistoria. Historia antigua*, ed. J.M. Vázquez varela - F. Acuña Castrovejo, A Coruña, Hércules.
- [1997a] (org.), *O Neolítico atlántico e as orixes do Megalitismo*, Santiago de Compostela, Universidade de Santiago de Compostela.
- [1997b], *Neolítico e Megalitismo en Galicia*, in Rodríguez Casal [1997a], pp. 447-462.
- [2006a] (ed.), *Le Mégalithisme atlantique / The Atlantic Megaliths. Actes du XVIème Congrès UISPP, Université de Liège (2-8 septembre 2001)*, Oxford, Archaeopress [BAR International Series, 1521].
- [2006b], *An Introduction to The Atlantic Megalithic Complex*, in Rodríguez Casal [2006a], pp. 1-10.
- Ross, A. [2001], *Folklore of Wales*, Stroud, Tempus.
- Ruggles, C. [1990], *Astronomical and Geometrical Influences on Monumental Design: Clues to Changing Patterns of Social Tradition?*, in T.L. Markey - J.A.C. Greppin (eds.), *When Worlds Collide: The Indo-Europeans and the Pre-Indo-European*, Ann Arbor, Karoma, pp. 115-150.

- Santucci, J.F. - Thury Bouvet, G. - El Hadi, K. - Ottavi, A. [2004], *Legends, Megaliths and Astronomy in Corsica Island: U Monte Revincu*, «Environment et culture» 12, pp. 520-528.
- Scarre, C. [2002a], *A Pattern of Islands: The Neolithic Monuments of North-West Brittany*, «European Journal of Archaeology» 5, pp. 24-41.
- [2002b], *Coast and Cosmos: The Neolithic Monuments of Northern Brittany*, in Id. (ed.), *Monuments and Landscape in Atlantic Europe: Perception and Society during the Neolithic and Early Bronze Age*, London, Routledge, pp. 84-102.
- Sherratt, A. [1990], *The Genesis of Megaliths: Monumentality, Ethnicity and Social Complexity in Neolithic North-West Europe*, «World Archaeology» 22, pp. 147-167.
- Stout, G. - Stout, M. [2008], *Newgrange*, Cork, Cork University Press.
- Sykes, B. [2006], *Saxons, Vikings, and Celts. The Genetic Roots of Britain and Ireland*, New York-London, W.W. Norton & Co.
- Temme, J.D.H. [1840], *Die Volkssagen von Pommern und Rügen*, Berlin, Nicolaische Buchhandlung.
- Thomm, A. [1974], *Astronomical Significance of Prehistoric Monuments in Western Europe*, «Philosophical Transactions of the Royal Society of London» 276, pp. 149-156.
- Waddell, J. [1995], *Celts, Celtisation and the Irish Bronze Age*, in J. Waddell - E.S. Twohig (orgs.), *Ireland in the Bronze Age. Proceedings of the Dublin Conference (April 1995)*, Dublin, Stationery Office, pp. 158-169.
- Waddell, J. - Conroy, J. [1999], *Celts and Others: Maritime Contacts and Linguistic Change*, in R. Blench - M. Spriggs (orgs.), *Archaeology and Language*, vol. IV: *Language Change and Cultural Transformation*, London, Routledge, pp. 125-137.
- Woodman, P.E. [2000], *Beyond Significant Patterning, Towards Past Intentions: The Location of Orcadian Chambered Tombs*, in C. Buck (org.), *Proceedings of the UK Chapter of Computer Applications and Quantitative Methods in Archaeology*, Oxford, British Archaeological Reports, pp. 91-105.
- Wüstemann, H. [1966], *Das Königsggrab von Seddin, Kreis Perleberg, und das kulturelle Gepräge seines zeitlichen Horizontes*, Berlin, Humboldt-Universität.
- «www.continuitas.com»: sitio oficial do grupo de investigação sobre a Teoria da Continuidade Paleolítica.

